



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Eu sou um herói *J.H. Moolenburgh*

O fim é o meu início *Tiziano Terzani*

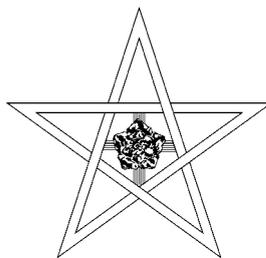
Nenhuma separação interior

Que música a alma canta?

O livro do desassossego *Fernando Pessoa*

2012

NÚMERO 5

**Editor responsável**

A.H. v. d. Brul

Linha editorial

P. Huis

Redatores

K. Bode, W. v.d. Brul, A. Gerrits,
H. v. Hooreweeghe, H.P. Knevel, F.
Spakman, A. Stokman-Griever, G. Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, V.L. Kreher, L.M. Tuacek, U.B. Schmid, N. Soliz,
J.L.F. Ornelas, L.A. Nepomuceno, M.B.P. Timóteo, M.M.R.
Leite, J.A. dos Reis, D. Fonseca, M.D.E. de Oliveira, M.R.M.
Moraes, M.L.B. da Mota, R.D. Luz, F. Luz, R.J. Araújo

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Roze kruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 34 2012 número 5

O trabalho da Fraternidade da Rosa-Cruz e da Corrente Universal de Fraternidades, da qual o Lectorium Rosicrucianum faz parte, é realizado com a inspiração e as novas energias da luz que, em sentido libertador, abre passagem no coração e na cabeça, e também nas ações da parcela da humanidade que está em busca do verdadeiro bem, do que é realmente eterno e verdadeiramente humano. Não é verdade que o ser humano tem, dentro de si, uma força e um poder quase supraterrâneos, com o auxílio dos quais pode elevar a sociedade e o mundo a um nível melhor, a um plano mais elevado? Não será possível que o homem, como pequeno mundo, como microcosmo, se torne outra vez criativo, como criador do único-bem, como ser autocriador?

Aos poucos, a humanidade, e em especial as organizações e instituições que determinam a convivência social, vê-se diante de perguntas como essas. Elas são convocadas por todos para sustentar esse desenvolvimento de forma constante com suas forças econômicas e logísticas.

A humanidade volta seu olhar para as novas energias de Aquário – ainda que este nome não lhe seja conhecido. Ela gostaria de dispor das magníficas forças vitais com que pode servir e divulgar o único-bem, ou seja, a luz e a vida que emanam da Vida Una, do Criador.

Nesta edição, a revista **Pentagrama** procura mostrar ao leitor que, no homem, todos os elementos realmente concorrem para fazer triunfar esse plano mais elevado em seu ambiente e também em seu próprio *minutus mundi* ou pequeno mundo. Esperamos, dessa maneira, dar uma contribuição para esse novo desenvolvimento.



Mural em Paris

- catharose de petri
a estrela da esperança e da realização 2
- nenhuma separação interior 6**
- os quatro elementos: terra 12**
- fragmento de diário,
fernando pessoa
o livro do desassossego 13
- h.c. moolenburgh
eu sou um herói 14
- música e espiritualidade 26**
- os quatro elementos: água 30**
- fragmento de diário,
dag hammerskjöld
acontecimentos marcantes 31
- joão sortudo
o milagre do desapego 32
- os quatro elementos: ar 37**
- afinar-se com a eternidade 38**
- resenha de livro,
tiziano terzani
o fim é o meu início 41
- os quatro elementos: fogo 46**
- fragmento de diário de um aluno
que música a alma canta? 47
- o quinto elemento: o homem 48**

a estrela da esperança e da realização

Catharose de Petri

As oficinas de trabalho e os focos do reino gnóstico necessários para a execução do poderoso plano que é o fundamento de todas as coisas já funcionam na Europa. A Escola Espiritual da jovem Gnosis atualmente está em condição de realizar a tarefa que lhe foi confiada. O que expomos a seguir deve servir para compreender o que tudo isso significa e as formidáveis consequências relacionadas.

Primeiro, dizemos que as fraternidades que constituem a Corrente Gnóstica Universal são todas dignas desse nome, o que quer dizer que elas, em sua época, não se contentaram apenas em cumprir sua missão evangélica, chamando e precedendo os homens para a vida libertadora, mas foram ao mesmo tempo capazes de levar sua colheita para os campos da libertação. Portanto, é evidente que cada uma dessas fraternidades teve necessidade de um período mais ou menos longo de desenvolvimento a fim de realizar sua incumbência. Enquanto uma fraternidade não atingia essa maturidade, ela era auxiliada pela fraternidade precedente, que dessa forma, evidentemente, tinha seu desenvolvimento retardado. De fato, cada fraternidade precedente não pode elevar-se para um novo campo de trabalho senão quando a fraternidade seguinte pode, por sua vez, assumir plenamente o trabalho na natureza da morte.

Portanto, em determinado momento, a última das fraternidades deverá tornar-se, em sentido perfeito, uma fraternidade quántupla; ou

falando em linguagem mística, a fraternidade seguinte tem de fazer brilhar a Estrela de Belém acima das sombrias regiões da natureza da morte.

Por conseguinte, o que é, na prática, uma fraternidade gnóstica quántupla?

1.º Ela deve possuir e poder fazer funcionar uma instituição que possa colocar-se em contato com o público que busca, por consequência, um organismo que seja capaz de pescar os homens do mar da vida. Como sabeis, possuímos esse organismo: é o Trabalho Público do Lectorium Rosicrucianum.

2.º Essa fraternidade deve ter um instrumento que lhe permita ensinar, metodicamente, o conhecimento da salvação e nele introduzir progressivamente os que o desejem. O ensinamento dado deve ser tal que o aluno, mesmo médio, veja que não existe outra saída senão seguir, em autorrendição, o caminho da libertação. Nós possuímos esse instrumento: é o Lectorium Rosicrucianum;

3.º Ela deve poder dispor de um organismo que possa conduzir, no menor tempo possível,



Catharose de Petri fundou com J. van Rijckenborgh o Lectorium Rosicrucianum. Com um profundo sentimento pela “Gnosis do cristianismo” e o conhecimento da pura magia gnóstica, ela cuidou da beleza e da orientação

mágica dos templos, nos quais atua a energia pura do Espírito. Foi incansável em expor aos colaboradores a ideia de que um trabalho libertador somente pode ter êxito quando se pratica uma atitude de vida mais elevada e a motivação

interior é pura. Quando J. van Rijckenborgh faleceu, em 1968, Catharose de Petri, como grã-mestra, consolidou a força autônoma da Escola Espiritual, com o colegiado da Direção Espiritual Internacional.



Desde o momento em que a Escola atingiu a maturidade, a Estrela de Belém passou a brilhar novamente

os que de fato o querem e demonstram, à autorrendição, à ausência do eu; o que lhes permitirá participar verdadeiramente da vida interior, mediante o renascimento da alma. Possuímos esse organismo: é a *Escola de Consciência Superior*, no qual cada um pode, na prática, em três anos, festejar essa maravilhosa e magnífica vitória.

4.º Ela deve ter, a seu serviço, um grupo de servidores e servidoras escolhidos, que possa prover os necessários processos de circulação de novos fluidos vitais, de modo gnóstico-mágico, dotando assim o *corpo-vivo* das forças necessárias para poder realmente viver. É a falange sacerdotal de nossa *Ekklesia*, que está diariamente ocupada com esse magnífico trabalho;

5.º Deverá existir um organismo que, entre outras coisas, funcione no novo campo astral do reino gnóstico, a fim de fazer entrar e estabelecer na vida libertadora do novo reino das almas todos os irmãos e todas as irmãs que dela são dignos. Falando de outro modo, na linguagem do evangelho gnóstico *Pistis Sophia*: deverá existir um Décimo Terceiro Éon perfeitamente ágil e atuante. A jovem fraternidade dispõe desse organismo: é a *Comunidade da Cabeça Áurea*.

Portanto, fica claro que a jovem Gnosis atualmente atingiu sua maturidade, liberando a fraternidade precedente de muitas preocupações. Desde essa maturidade, a Estrela de Belém começou novamente a brilhar. É a estrela da esperança e da realização! Ora, há pouco tempo existe uma nova escola espiritual

gnóstica completa; um novo grupo de perfeitos prepara-se para percorrer as regiões das trevas, para aí realizar sua tarefa, tarefa da cabeça, do coração e das mãos. Assim, a jovem fraternidade gnóstica tornou-se uma escola de mistérios, correspondendo à sua vocação original, tendo o mesmo valor de cada uma das fraternidades precedentes da Corrente Universal.

Em verdade, essa é uma justa razão para elevar jubilosas vozes de graça, adoração e alegria, por termos conduzido a bom termo nossa tarefa após longos anos de ansiedade. Porém, há mais ainda! Quando uma fraternidade gnóstica quántupla alcançou verdadeiramente esse ponto de realização de sua missão, ela está capacitada a levar para a pátria todos os que vêm a ela. Esse é um dos aspectos do *reino dos mil anos* (um conceito místico proveniente do Apocalipse de João), que é um período durante o qual uma fraternidade, protegida pelos três primeiros raios do Espírito Sétuplo para fazer a colheita dos filhos de Deus, não experimentará, no decorrer de sua atividade e de seu trabalho, obstáculos de qualquer ação da natureza da morte que tentassem opor-se a essa colheita ou aniquilá-la. Esperamos que possais compreender essas coisas, senti-las um pouco e conceber a importância da época em que ingressamos. Quando uma fraternidade gnóstica consegue erigir sua cidadela em terra inimiga, é-lhe dado o poder de limitar o raio de ação da antiga serpente por determinado tempo, a fim de poder realizar sua missão sem obstáculos.

Um período desse gênero tem conseqüências incalculáveis. Se perceberes bem, podeis ver que um caminho protegido e seguro foi preparado, que leva de baixo para cima, mas também de cima para baixo. Entre outras coisas, isso quer dizer que inúmeros prisioneiros e escravos da esfera refletora, e também os que, em determinados estados de ser, não puderam continuar seu desenvolvimento porque seu microcosmo não podia esvaziar-se, receberam a oportunidade de participar da vida libertadora. Há, por exemplo, milhares de almas ainda não libertas que, no transcorrer dos sete últimos séculos, após o desaparecimento da fraternidade precedente, foram lançadas à morte por darem testemunho de Jesus e da palavra de Deus; homens que outrora negaram a besta da dialética e todas as suas representações fantasmagóricas e eônicas e, assim, puros de pecado mortal, prestaram grande serviço à humanidade.

Contudo, esses irmãos valorosos, após sua morte heroica, não puderam ingressar no mundo do estado de alma vivente, porque não possuíam o sinal da libertação, a assinatura da nova alma. Seu sacrifício pelo mundo e pela humanidade e seu amor indizível a todos os que eram obrigados a sofrer tão amargamente na natureza da morte também foram tão grandes que não puderam, por isso, ser esvaziados microcosmicamente e seguir o caminho de todos os outros mortais. Esses seres estão em uma região que se poderia qualificar de zona limítrofe entre a sexta e a sétima região cósmicas. Muitos dentre eles, aqueles cujo estado podia

ser levado em consideração, já foram libertados pela fraternidade precedente e admitidos na vida libertadora. Entretanto, os outros precisaram esperar, porque as contingências na esfera dialética não permitiam que esses microcosmos reencarnassem, pois seu potencial de força lhes teria ocasionado outra vez um sofrimento muito profundo e imerecido. Portanto, essas almas tiveram de aguardar até que fossem criadas as condições propícias que foram realizadas na jovem fraternidade gnóstica. Agora, elas podem mergulhar no tempo e ingressar na morada do Pai, e seguir o rápido e sublime caminho da iniciação gnóstica. É evidente que o grupo que integra o corpo-vivo e continuará a integrá-lo, em um futuro próximo, dará nascimento a novas gerações de qualidade muito especial. No grupo da jovem Gnosis, durante os próximos dez a vinte anos, nascerão seres humanos que demonstrarão muito cedo orientação e possibilidades positivas. Esses seres, jovens ainda, farão muitos anciãos envergonhar-se, mas também os emudecerão de alegria pelo impulso e progresso que trarão ao grupo inteiro. Por isso, já não precisamos de modo algum ficar inquietos quanto ao futuro da Escola. A peregrinação para a nova Jerusalém será empreendida e conduzida a bom termo, mediante um grupo cheio de júbilo, sempre crescente em número e em qualidades. Durante muito tempo demonstrar-se-á a bênção da Gnosis ✪

Petri, C. de. *O selo da renovação*. Jarinu: Lectorium Rosicrucianum, 2008. cap. I.

nenhuma separação interior

Em muitos templos da Escola da Rosacruz Áurea foi lido, em março, um texto que jovens alunos do Lectorium Rosicrucianum escreveram em cooperação internacional.

Gostariamos de convidá-los a empreender conosco uma viagem. Vamos analisar o presente para melhor conectar-nos com as exigências do futuro. A humanidade chegou a uma nova era, cujas consequências foram previstas há várias décadas por muitos, inclusive pelos nossos grão-mestres. Agora, essas consequências tornaram-se atuais. Estamos observando os efeitos de Aquário em todos os setores sociais, no mundo inteiro. Durante as chamadas *Conferências de Aquarius*, J. van Rijckenborgh anunciou que, nesta era, a atmosfera mundial mudaria completamente. Essa atmosfera exige que cada ser humano escolha entre um caminho que conduz a uma consciência mais elevada e à regeneração completa da humanidade, ou a um caminho que leva à degeneração total no mundo dos opostos e da matéria. Isso fica patente em nosso cotidiano pela “aceleração” de nossa vida, que se está tornando menos previsível e estruturada. Há uma ou duas gerações, era comum o filho herdar a profissão ou a empresa do pai e ocupar a mesma posição pela vida inteira. Pesquisas mostram que agora se troca de emprego de 7 a 10 vezes, em média, durante a vida. É difícil as pessoas ligarem-se realmente a algo por um longo período de tempo e se dedicarem a algo intensamente.

A Internet, com todas as suas possibilidades, tornou as distâncias relativas – e, assim, imitou a onipresença. A comunicação tornou-se imediata, substituindo, de muitas maneiras, os contatos pessoais habituais. As distâncias

aparentemente diminuíram, com meios de transporte mais rápidos e de fácil acesso. Nossa vida já não está tão fortemente ligada à matéria visível: passamos cada vez mais tempo no mundo digital. Podemos chamar a esse processo de “desmaterialização”, um dos fenômenos que acompanham a nova era, um dos efeitos do que chamamos de “radiação de Aquário”.

Como a humanidade está reagindo a essa radiação? O que está acontecendo ao nosso redor? Como cada um de nós está lidando com isso? Devemos esclarecer que, para nós, “desmaterialização” não significa necessariamente libertação desta era ou deste mundo. Diariamente surgem oportunidades de encontrar a senda da libertação e, como buscadores, obter informações sobre temas interessantes a respeito desse assunto, pois todas as informações sobre todo e qualquer tema estão disponíveis. Entretanto, tudo isso também tem suas desvantagens, pois hoje, a dispersão é muito grande!

Justamente porque encontramos tantas coisas, são inúmeros os temas que nada têm a ver com o que estamos buscando. Também é possível que a atual geração de buscadores, que dispõe de todas as informações, que consegue tudo o que deseja, termine por ligar-se mais a este mundo e à vida material. Por isso, devemos sempre ponderar o que significa para nós “desmaterialização segundo a forma”, e “desmaterialização em sentido libertador”.

Como não poderia ser diferente, a humanidade continua sempre em busca do sentido da existência. Durante os três últimos séculos, o

Uma profunda confiança nos traz à consciência que os alunos podem seguir seu caminho de maneiras muito diferentes, mas igualmente válidas

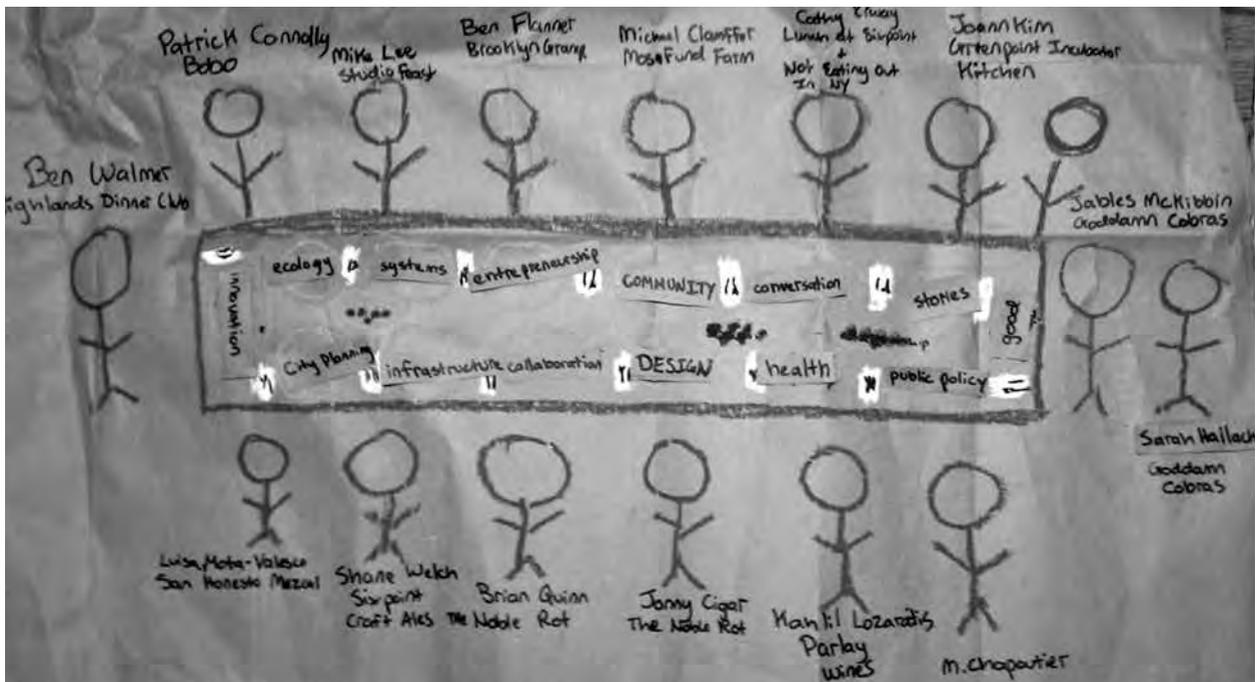
e a ampliar nossa consciência. Cada vez mais, observamos que a humanidade está pronta para vivenciar a cooperação ou fusão entre a ciência e um novo tipo de espiritualidade. Notamos isso, por exemplo, em algumas tendências da teoria quântica, segundo as quais existe uma realidade fundamental que impele tudo à atividade, com base em regras ainda desconhecidas. É essa realidade que muitos chamam de “desconhecido”, a força que atua por trás de tudo. Ela nos faz pensar no princípio “Deus”, que não consiste em uma inteligência ou em um plano, como concebido por um ser humano. Trata-se, muito mais, de *um princípio fundamental que cria a realidade na qual vivemos*.

Assim, observamos que as radiações de Aquário impulsionam a humanidade, com força cada vez maior, a um novo processo de desenvolvimento. Muitos procuram desesperadamente manter as velhas estruturas. Mas por outro lado, vemos também que muitos outros reagem de forma positiva e espontânea à nova era e à nova atmosfera que nos rodeia e interpenetra. Nos próximos anos, todos teremos de familiarizar-nos com essa nova atmosfera, de coração aberto e corajosamente: o coração aberto, para que jamais nos desviemos de nosso caminho de vida tão único e especial; e coragem, para que nos adaptemos às mudanças de modo positivo. Aquário exige isso de nós.

Quando J. van Rijckenborgh falava sobre as forças de Aquário, mencionava várias vezes imensas possibilidades, não apenas para o

despertar da humanidade, mas também para a senda da transfiguração. Em seus comentários sobre a *Confessio Fraternitatis*, ele diz expressamente que o desenvolvimento do discipulado nada mais é do que a aceleração do caminho normal da humanidade: uma senda que, por amor, foi aberta para todos os microcosmos saturados pelas experiências. Por isso, de certa maneira, os alunos são os pioneiros da nova humanidade que está surgindo, por desenvolverem o novo corpo mental, ligado à nova alma. É isso que pretendemos demonstrar para o mundo como verdadeiros exemplos vivos. Além do processo individual de desenvolvimento de cada aluno, nós todos, que juntos constituímos o corpo-vivo da Escola Espiritual, temos uma tarefa a cumprir, uma vez que Aquário nos oferece novas forças e possibilidades. A Escola pode trabalhar com essas forças não apenas porque segue as mudanças, mas também porque é, ela própria, um instrumento de mudança.

Então, como poderemos trabalhar em conjunto, na Escola, para que tais mudanças se tornem visíveis na Escola e em nós mesmos? No mundo atual, ter abertura, saber dividir, mostrar reciprocidade e interdependência são fatores essenciais que favorecem a cooperação. Várias empresas de pequeno porte surgem agora fundamentadas nessa forma aberta de cooperação. Nesse sentido, também serve de exemplo o trabalho segundo o princípio *open source* (código aberto): muitas vezes são criados produtos



digitais que qualquer pessoa pode usar e modificar para atingir um objetivo comum. No entanto, a cooperação somente pode acontecer, de fato, quando existe confiança mútua: quando o grupo está ligado ao campo de força e todos reconhecem a mesma verdade que emana do coração, apesar das diferenças de opinião, discipulado, idade ou de qualquer outro tipo que possa haver entre as personalidades.

Uma profunda confiança nos traz à consciência que os alunos podem seguir seu caminho de maneiras muito diferentes, mas igualmente válidas, e que não precisam ter medo de perder o controle, pois todo esforço conjunto leva a um bom resultado, desde que ansiemos pelo mesmo objetivo, cheios de entusiasmo, sem reservas, de coração pleno e puro.

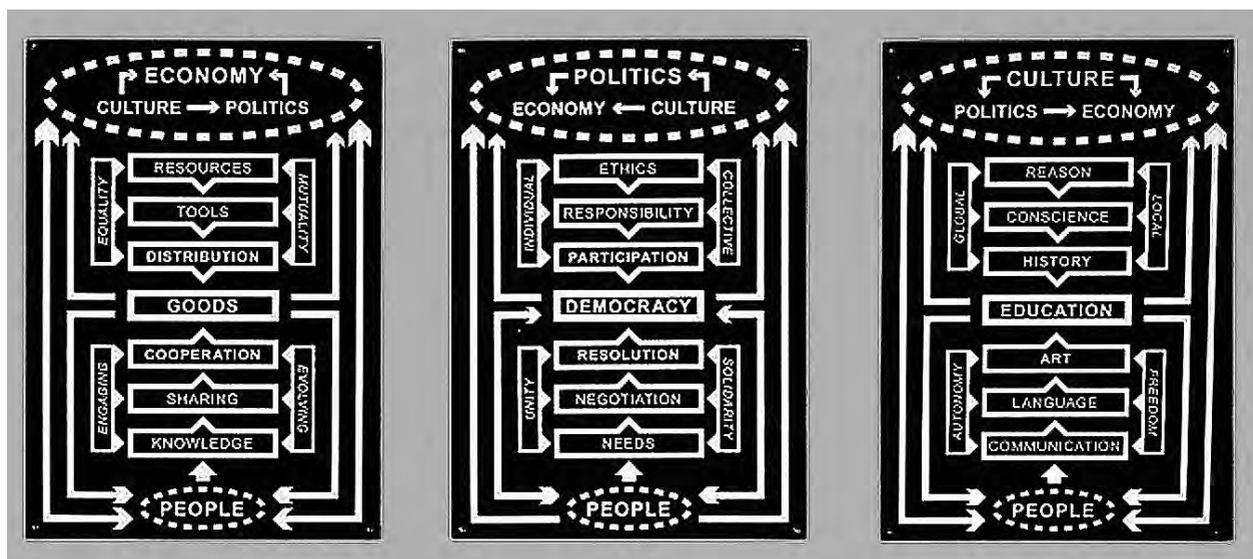
No mundo inteiro as pessoas desejam concretizar esse tipo de cooperação e estão a caminho desse objetivo realmente possível mediante um novo pensamento não egoísta! Esse novo pensar, que poderíamos chamar de inteligência espiritual, é uma profunda intuição com base na sabedoria interior. Quando nos aproximamos dessa eternidade interior, a inteligência espiritual se fortalece, e as decisões tomadas pelos colaboradores da Escola tornam-se um reflexo dessa nova capacidade. Quanto ao trabalho

pela Escola, sabemos que a nossa tarefa mais elevada consiste na disposição para servir, em autoesquecimento em prol da humanidade, em verdadeira dedicação e uso de todas as nossas capacidades.

Portanto, estamos a serviço da centelha divina em nós e da Fraternidade da Vida, que torna possível o plano divino.

Para seguir a senda, é fundamental que o aluno busque sempre orientar-se pelo princípio universal, que podemos denominar de silêncio interior, plano divino ou fórmula mundial. A célebre frase de Sócrates também expressa esse incessante alinhamento, essa sintonia com o divino: “Tudo o que sei é que nada sei”. Ou então, numa versão moderna: “Vou deixar para trás todo o pseudoconhecimento que adquiri e vou seguir agora diretamente para meu objetivo único, sempre observando e verificando tudo.

Não paro nunca de perguntar, nunca me deixo esmorecer. Permaneço atento e não aceito nada como verdade até que ela tenha se tornado a minha verdade interior, por meio de uma compreensão real e verdadeira. Tudo o mais, sejam ideias esotéricas, religiosas ou científicas, apenas serve para dispersar-me, para distrair meu cérebro de seu objetivo real”.



Como esse princípio não se realiza de forma automática e exige a constância de um comportamento consciente, ele desperta uma necessidade urgente de cooperação. Com ela, vêm a disposição para dividir, a abertura e a reciprocidade, que trazem como consequência a confiança mútua. Nenhum de nós pode seguir a senda do outro. Temos de ser completamente autônomos e encontrar nosso próprio caminho. Mas podemos ajudar-nos a ficar atentos.

A senda da transfiguração é um caminho dinâmico. Por isso, deve ser trilhado em unidade de grupo, ao contrário de um caminho filosófico ou religioso, para os quais são necessários apenas estudo e confiança cega. Quanto maior for a diversidade dentro de um grupo harmonioso, mais facilmente ele conseguirá enfrentar as diferentes situações que aparecem. É essa unidade que forma a base do caminho espiritual de Aquário. É necessário notar que já não será possível continuar apoiando-se em filosofias que dividem e separam, causando intolerância e dogmatismo.

A linguagem da Escola e a maneira pela qual nos exprimimos no mundo deve refletir essa fluidez, esse dinamismo e essa diversidade na unidade que os alunos experimentam no cami-

nho. Nesse sentido, a linguagem de sabedoria da Escola, fluida e leve, é um instrumento precioso. A linguagem que utilizamos deve refletir nosso desenvolvimento interior. E com a palavra “linguagem” queremos significar também multimídia e métodos modernos para transmitir nossa mensagem. Não há palavra mais forte que um testemunho autêntico. Já não devemos falar por parábolas, mas sim de forma tocante, sensível, na linguagem atual.

Podemos utilizar todos estes adjetivos para caracterizar essa nova linguagem: clara, direta, exata, essencial, tocante, criativa. Como a quantidade de informações cresce cada vez mais no mundo, a atenção das pessoas se torna cada vez mais superficial. Por isso, a Escola precisa encontrar novos caminhos para que sua mensagem toque os buscadores. Quando utilizamos expressões difíceis ou específicas para explicar a senda a alguém que antes nada havia ouvido sobre isso, é provável que nos entendam mal. Porque essas expressões podem ser relacionadas com outras, de outros grupos espirituais que não compartilham nossos objetivos essenciais, ou que não nos compreendem de forma alguma. Jamais podemos esquecer-nos de que devemos ir ao encontro do mundo e da humanidade para dividir com eles nosso

Quanto maior for a diversidade dentro de um grupo harmonioso, mais facilmente ele conseguirá enfrentar as diferentes situações que aparecem

grande tesouro. Esse tesouro não é uma filosofia, é nossa luz interior, nossa compreensão interior. É o fato de sermos chamados de “pequeno mundo” e estarmos em condição de restabelecer a ligação com o mundo divino. Portanto, a linguagem da Escola não tem por objetivo falar sobre coisas indeterminadas e distantes, mas sim dar uma perspectiva de um caminho vivo; assim, o ouvinte poderá sentir-se mais próximo dessa perspectiva, porque o divino está dentro dele, mais próximo do que mãos e pés. A mensagem somente é verdadeira quando contém o Espírito de que falamos. Assim, poderá evocar em quem a ouve o mesmo Espírito: a ligação com o divino que está dentro dele.

Por isso, Aquário conclama-nos a deixar de lado todo e qualquer conhecimento baseado em conceitos fixos e ficar somente com o que importa: ser autêntico e realmente manifestar o homem alma-espírito. Quando soubermos colocar esse conhecimento verdadeiro sob a luz da “eternidade-em-nós”, com certeza nos surpreenderemos com a simplicidade dessa verificação.

Essa luz interior tem o poder de estabelecer uma ligação real e ilimitada com o nosso trabalho em prol do mundo e da humanidade. A luz eterna é dinâmica e sempre a mesma, inalterável. Ela tem o poder inerente de criar uma humanidade totalmente nova. Essa luz extraordinária modifica nossa realidade a cada dia: os significados mais elevados e profundos de nossas experiências descortinam-se diante de nossa consciência, impulsionando-nos para

uma atitude de vida libertadora. Essa luz não chega até nós por encomenda. Mas podemos sintonizar-nos com ela, voltar-nos para ela, acolhê-la e deixar que ela seja a diretriz principal de nossa vida. Então, ela nos permitirá verificar, conscientemente, a profunda realidade interior. Assim, veremos que a realidade percebida por meio dos órgãos sensoriais não passa de uma sombra.

Sobre isso, J. van Rijckenborgh escreveu o seguinte:

“Na Escola, fazemos distinção entre a natureza da morte e natureza da vida. Essa diferenciação é inevitável devido à nossa situação atual e precisamos ensinar uns aos outros como podemos parar de olhar para o lado do fogo e voltar-nos para o lado da luz. Primeiro, precisamos dirigir-nos para a luz e deixar-nos dissolver por ela. Depois, com base nessa luz, transformar o fogo em luz, a serviço do mundo e da humanidade.

Em essência, existe apenas **uma** natureza, **um** reino, e todos podem verificar isso. Em nosso interior, na qualidade de homem-alma, não é possível fazermos nenhuma separação. Mas, por razões práticas, para discernir nosso caminho, para determinar claramente nosso objetivo, precisamos distingui-las e dizer: ‘Estamos com os olhos voltados para a luz!’

Porém, assim que sejamos capazes de elevar-nos até a luz, haverá tão-somente a maravilhosa missão de servir à humanidade, com todas as suas consequências!” ❀



Terra, Gaia ou Hátor é a deusa-mãe: sempre fértil, produtiva, feminina e mais forte que a força masculina, que nela penetra em busca de pedras preciosas, combustível, óleo – em busca de seu segredo. “Porém, a própria terra se acha pura no céu puro, [...] denominado éter por quantos costumam discorrer sobre essas questões, cuja borra, precisamente, é tudo aquilo que não para de depositar-se nas cavidades da terra”, assim diz Platão no *Fédon*. A terra sustenta a vida, mas também é o lugar onde o pó volta ao pó. Ela é a mãe primitiva, que transforma a força do sol e a disponibiliza para nós. Ela é onisciente. Aprendamos com ela paciência e estabilidade.

T E R R A

o livro do desassossego

Olho, como numa extensão ao sol que rompe nuvens, a minha vida passada; e noto, com um pasmo metafísico, como todos os meus gestos mais certos, as minhas ideias mais claras, e os meus propósitos mais lógicos, não foram, afinal, mais que bebedeira nata, loucura natural, grande desconhecimento. Nem sequer representei. Representaram-me. Fui, não o actor, mas os gestos dele.

[...]

É tão difícil descrever o que se sente quando se sente que realmente se existe, e que a alma é uma entidade real, que não sei quais são as palavras humanas com que possa defini-lo. Não sei se estou com febre, como sinto, se deixei de ter a febre de ser dormidor da vida. Sim, repito, sou como um viajante que de repente se encontra numa vila estranha sem saber como ali chegou; e ocorrem-me esses casos dos que perdem a memória, e são outros durante muito tempo. Fui outro durante muito tempo – desde a nascença e a consciência –, e acordo agora no meio da ponte, debruçado sobre o rio, e sabendo que existo mais firmemente do que fui até aqui. Mas a cidade é-me incógnita, as ruas novas, e o mal sem cura. Espero, pois, debruçado sobre a ponte, que me passe a verdade, e eu me restabeleça nulo e fictício, inteligente e natural.

Foi um momento, e já passou. Já vejo os móveis que me cercam, os desenhos do papel velho das paredes, o sol pelas vidraças poeirentas. Vi a verdade um momento. Fui um momento, com consciência, o que os grandes homens são com a vida. Recordo-lhes os actos e as palavras, e não sei se não foram também tentados vencedoramente pelo Demónio da Realidade. Não saber de si é viver. Saber mal de si é pensar. Saber de si, de repente, como neste momento lustral, é ter subitamente a noção da mónada íntima, da palavra mágica da alma. Mas essa luz súbita cresta tudo, consume tudo. Deixa-nos nus até de nós.

[...]

Fernando Pessoa, *O livro do desassossego*, 21 de fevereiro de 1930

eu sou um herói

A palestra transcrita abaixo foi proferida duas vezes na Livraria Pentagrama, em Haarlem, Holanda, por H.C. Moolenburgh, médico, e atraiu um interesse impressionante. Nessa palestra, o dr. Moolenburgh comenta o seu livro *U kunt meer Dan U denkt* (Você pode mais do que imagina), que aborda tratamentos complementares para o câncer, aprofundando-se em numerosos aspectos que o buscador pode resumir como “aspectos práticos da nova atitude de vida”. O dr. Moolenburgh restringe-se fundamentalmente à sua especialidade, que é a Medicina, mas também aponta as consequências do modo de vida do homem atual. É com satisfação que reproduzimos essa palestra na revista **Pentagrama**.

Diante dos relatos contraditórios apresentados na mídia e em publicações especializadas, faz sentido fazermos a seguinte indagação: “Podemos dizer que a ocorrência de câncer aumentou?” Até recentemente as autoridades afirmavam que o aumento da incidência de câncer era uma consequência da longevidade da população. Porém, em agosto de 2011, de acordo com dados publicados, de repente ficou demonstrado que atualmente está acontecendo uma explosão que, caso se tratasse de uma doença infecciosa, seria considerada uma pandemia. No entanto, continua-se a dar destaque ao aumento da expectativa de vida e da idade da população.

Um dos lemas que adotei na vida, e que devo a uma jornalista inglesa cujo nome desconheço, é que “nunca se pode dar crédito a alguma coisa até que ela seja negada oficialmente pelas autoridades”. Isso se aplica totalmente à afirmação de que “o aumento da ocorrência de câncer deve-se, em sua maior parte, ao envelhecimento da população”. Fazendo uma retrospectiva dos meus quase 60 anos de prática médica, posso dizer que essa afirmação não procede. Realmente: em 1950, quando trabalhei como coassistente (fase prática do estudo de Medicina na Holanda) no setor de Medicina Interna do Hospital Universitário de Leiden, o câncer era uma doença que atingia principalmente as pessoas mais velhas. Em outras faixas etárias a ocorrência era menor, e o índice de câncer de mama em mulheres (mais velhas) era de 1 em 35, hoje é de 1 em 8-9. Se um paciente de 40 anos fosse

acometido de câncer, dizia-se, em linguagem popular, que se tratava de “um câncer jovem”. Nos três meses em que trabalhei como coassistente no setor de pediatria, vi uma única criança com leucemia (era uma criança com síndrome de Down). Hoje a situação é completamente diferente. A ocorrência de câncer não só aumentou em termos absolutos e tornou-se até a causa n.º 1 de morte em 2008, como também vem atingindo cada vez mais as faixas etárias jovens. Agora, o câncer atinge as pessoas no auge da vida. E, no que diz respeito às crianças: meu terceiro filho trabalhou por 30 anos no mesmo setor de pediatria onde fui coassistente em Leiden e, suspirando, me disse: “Lá só tem leucemia”. Na minha juventude, era muito raro ouvirmos falar de alguém com câncer. Hoje, com certeza, a maioria das pessoas tem um parente ou alguém próximo que sofre dessa doença.

DEFINIÇÃO Qual a definição de “câncer” de acordo com a Medicina oficial? O câncer é basicamente “uma célula alterada que não para de dividir-se”. Também se fala bastante de “predisposição genética”. Chegou-se ao ponto de indicar a amputação dos dois seios em mulheres jovens que apresentavam muitos casos de câncer de mama na família – os médicos acreditavam ter encontrado “o gene maligno”. Que terapia preventiva extremamente radical!

O tratamento totalmente direcionado às células alteradas e malignas não levou aos resultados esperados. No fundo, a Medicina oficial não sabe o que é o câncer.

H.C. Moolenburgh



Todas as fotos deste artigo são registros da horta do Centro de Conferências de Renova. © D. Letema

TERAPIA E RESULTADOS Será que atualmente muito mais pessoas são salvas, de acordo com o que sempre se divulga? A terapia do câncer foi realmente aperfeiçoada a esse ponto? Quando fiz residência no Hospital Universitário de Leiden, o tratamento consistia em operação e radioterapia. Contra determinado tipo de câncer – o linfoma de Hodgkin ou câncer das glândulas linfáticas – injetava-se nitrogênio nas veias: essa foi a primeira forma de quimioterapia. Esse era o gás usado como antigo meio de combate na primeira guerra mundial! Os tumores diminuía um pouco, porém, depois, as veias pareciam grossos cordões escuros. Ainda hoje, em essência, são estes os três pilares mais significativos da terapia convencional: bisturi, radiação e drogas venenosas. Hoje essas terapias estão muito mais refinadas e é possível controlar um tumor dessa forma. Mas será que essas terapias obtêm realmente o resultado que reivindicam para si? Para reconhecer o resultado negativo, basta olharmos ao nosso redor. As estatísticas mostram que a quimioterapia, por exemplo (sem considerarmos algumas poucas exceções como leucemia, câncer de testículo, linfomas de Hodgkin e não Hodgkin), não traz nenhum tempo de vida adicional nos casos que geralmente constituem causa de morte, como câncer de pulmão, de intestino e outros semelhantes.

A radioterapia dá resultados em certos tipos de câncer de pele e também pode ser eficiente na redução da dor no caso de câncer nos ossos. Mas, em geral, não se pode falar de uma terapia com ação curativa digna de nota. Também me pergunto se, com o tempo, uma radioterapia preventiva de largo espectro aplicada após uma cirurgia de mama também não tem consequências negativas, principalmente porque vi muitos casos de metástase justamente na área de radiação. Mas, no que diz respeito a operações, penso que um tumor deve ser removido sempre que possível. Pela minha experiência, os

bons resultados estão principalmente nas operações eficazes.

TRATAMENTOS COMPLEMENTARES DO CÂNCER Ao lado da Medicina convencional para o câncer, também surgiu a Medicina complementar. Esta não deve ser vista como uma futura substituição dos procedimentos oncológicos, mas sim como um complemento útil. Sou a favor de um duplo procedimento. Existem referências importantes de que esse método, desde que bem empregado, aumenta as chances de cura. Infelizmente, essa terapia ainda não é reconhecida pela Medicina convencional, sendo mesmo duramente combatida, principalmente por aqueles que se uniram contra o charlatanismo. Eles afastaram-se de seu objetivo original e combatem a ferro e fogo os médicos cujos pensamentos sobre a Medicina diferem um pouco dos seus. Em minha opinião, o tratamento complementar também é muito bom para agilizar a terapia contra o câncer, que é tão rigidamente regulamentada.

UMA LACUNA NO PENSAMENTO Agora vou apontar uma grande falha na ciência médica atual, segundo minha avaliação. Nas culturas anteriores à nossa, os médicos também eram sacerdotes ou filósofos. Para eles, o conhecimento da Medicina fazia parte de uma visão de mundo abrangente. Assim, para os antigos chineses, os doze meridianos do corpo, pelos quais fluía a energia vital *chi*, faziam parte da *ordem celeste*. Qualquer perturbação nessa ordem causaria doenças. Assim, a acupuntura trazia equilíbrio e cura duradoura. Os antigos hindus conheciam os sete chacras, centros de força invisíveis no corpo, centros de *prana*, a mesma energia vital que concilia espírito e corpo.

Os antigos médicos europeus conheciam a teoria dos quatro humores vitais acrescidos do *vis medicatrix naturæ* (energia medicinal da natureza), que também seria essa quinta força

A vida não deriva de um processo químico entre as moléculas: na verdade, ela é um fator absolutamente peculiar

misteriosa portadora de vida. A Medicina oficial de nossos dias não a conhece.

O grande médico do século 16, Paracelso, também chamado pai da Química moderna, dizia que existem cinco tipos de Medicina:

1. *De naturalæ* (por meio do corpo). É o enfoque puramente físico, que geralmente atua de modo insuficiente para um restabelecimento prolongado. Essa é a nossa Medicina imediatista, que é eficiente em caso de uma fratura de perna, infecção aguda, na Odontologia, e assim por diante. Em doenças crônicas, ela chega a uma minimização do sofrimento, mas não à verdadeira cura.
2. *De veneni* (por meio das drogas). É o conhecimento das drogas, de substâncias tóxicas que nos ameaçam de fora (hoje principalmente por meio da poluição ambiental). Quando essa situação não contraria grandes interesses comerciais, alguém empreende alguma ação contra ela. Na realidade, a Medicina atual consiste nos itens 1 e 2.
3. *De spirituale* (por meio do espírito específico ativo nas plantas). Com essa expressão, Paracelso designa a força secreta invisível que está oculta nas plantas. Mediante um preparo correto, o espírito curador da planta pode ser liberado. É o caso da Homeopatia.
4. *De astorum* (por meio dos astros). Não se trata de Astrologia. Na verdade, são doenças

causadas pelo caráter das pessoas. De acordo com Paracelso, o caráter é estruturado em conformidade com as linhas dos astros celestes. Às vezes a nossa Psicologia assemelha-se a essa abordagem. Quanto ao tratamento do câncer, deve-se pensar sobretudo na terapia do psicólogo americano Lawrence Leshan, cujo livro *O câncer como ponto de mutação* já foi traduzido para o português.

5. *De dei* (por meio de Deus). São doenças que Deus consente que cheguem até nós para delas tirarmos alguma lição. Nesses casos, nós, médicos, somente podemos ajudar realizando o acompanhamento dos pacientes com compaixão. É, por exemplo, a assistência a crianças deficientes, a idosos em estado de demência, ou a pessoas com uma doença contra a qual nada podemos fazer. Esse tipo de assistência é bem organizado na Holanda.

Todos já devem ter percebido que falta à nossa Medicina uma visão de conjunto. Na realidade, nossa ciência médica, em grande parte, consiste em uma ciência descritiva: resume-se no registro de nossa percepção sensorial com a ajuda de aparelhos. Infelizmente, às vezes, nossos sentidos nos enganam ou nos bloqueiam justamente quando deveríamos pensar mais a respeito do assunto.

DESCRIÇÃO DAS TERAPIAS COMPLEMENTARES CONTRA O CÂNCER Esta longa introdução foi necessária para esclarecer o que inclui exatamente a terapia complementar do câncer. Ela

Uma margarida pode algo que nós homens não podemos: ela consegue transformar calcário no potássio, um rico nutriente

tem três pilares: o físico, o psíquico e o espiritual. Tratarei principalmente do primeiro, sobre o qual falarei com mais profundidade.

I A TERAPIA FÍSICA

Esta também se divide em três áreas:

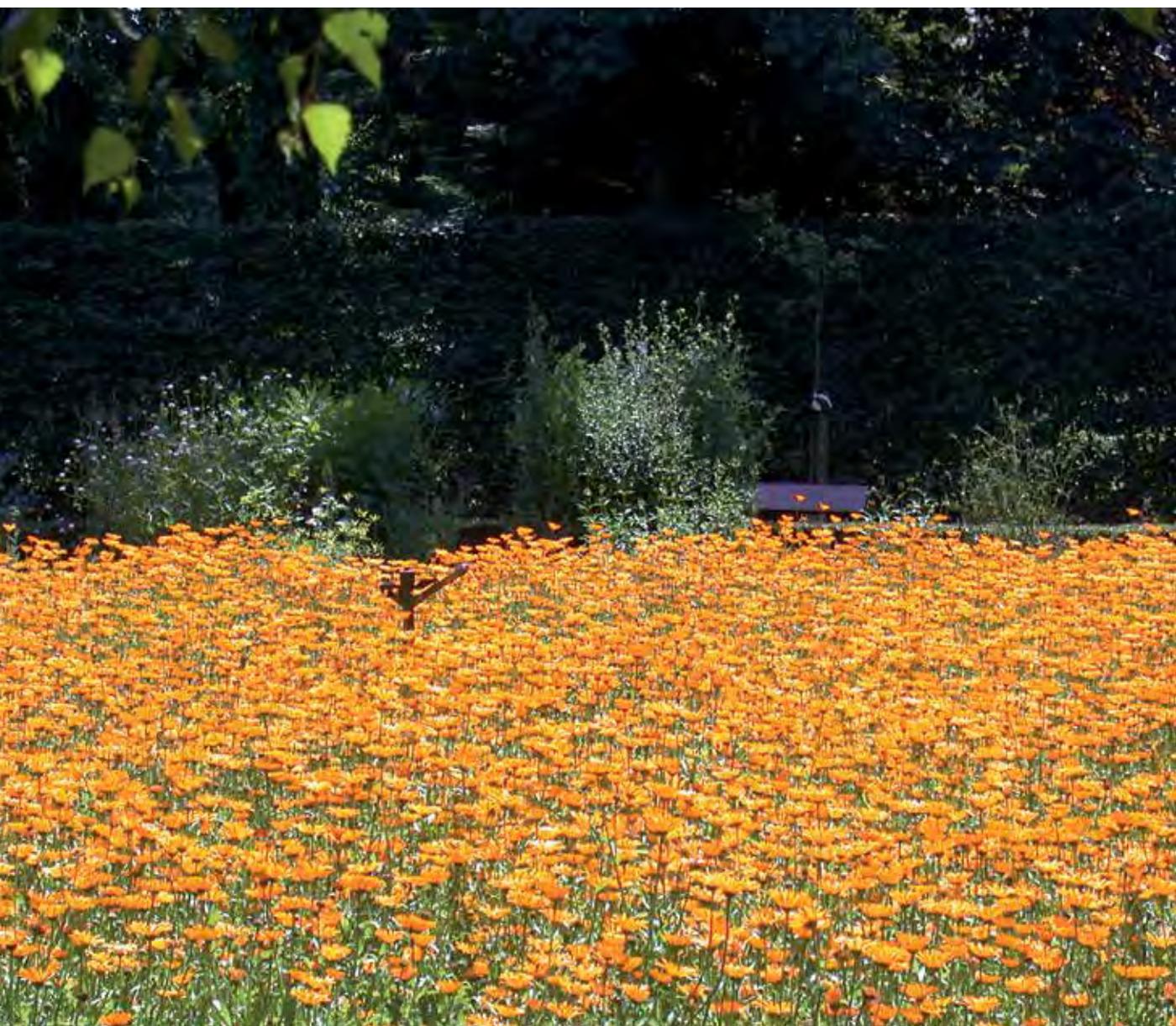
A. A ELIMINAÇÃO DO TUMOR

Este é propriamente o terreno da Medicina convencional: bisturi, radiação e drogas (e um pouco de terapia hormonal). Se, dessa forma, o câncer desaparecer, ótimo! Pode-se operar ainda? Sempre! Porém talvez vocês, com seu saudável senso comum, já tenham descoberto, melhor do que o especialista consagrado, que quando tentamos eliminar uma doença que vem de dentro por meio de operação, radiação ou drogas, estamos apenas nos enganando a respeito da existência de algo que está lá. Por essa razão, o câncer tem forte tendência a reaparecer. Também a terapia complementar conhece métodos de tratamento de tumores. Um deles, e certamente um dos mais bem sucedidos, é conhecido há mais de cem anos: a terapia das enzimas pancreáticas do professor Beard, elaborada pelo odontólogo dr. Kelley e aperfeiçoada pelo dr. Gonzales, médico em Nova York. Essa terapia, que não intoxica nem mutila, literalmente faz os tumores se desmancharem, além de, muitas vezes, também trazer resultados prolongados. No início dos anos 1920, o professor Beard foi ridicularizado, e Kelley foi ignorado com um dar de ombros. Gonzales foi perseguido sem piedade por

mais de quinze anos pela corporação médica. Mesmo assim, esse método agora já vence lentamente essa resistência, pois seus resultados são muito notórios. Desse modo, a desintegração segura de tumores brevemente será possível.

B. A ORIGEM DO TUMOR

Embora o câncer não surja do nada, a Medicina convencional sabe muito pouco a esse respeito. Imaginem que vocês possuem um campo cheio de margaridas. Isso significa que o terreno é rico em calcário, pois uma margarida pode fazer algo que nós homens não podemos: ela consegue transformar calcário em potássio, um rico nutriente, como descobriu o professor Kervran. Portanto, podemos concluir que o terreno desse campo é próprio para margaridas. Nosso corpo também tem um “terreno” e, quando ele é bom e saudável, a saúde floresce. Por outro lado, quando está poluído ou lhe faltam nutrientes, acontece a doença. Ora, o câncer surge com facilidade quando o tecido celular é ácido, quando o corpo está com muita eletricidade positiva (deficiência de elétrons) e poluído. Portanto, não acreditem que tudo “tem a ver com os genes”! Esse tipo de pensamento é fatalista: nossos genes não atuam em um cenário de decadência! Na verdade, eles mais se parecem com o teclado de um piano onde podemos tocar nossa própria melodia, e então vocês podem, na maioria das vezes, evitar a melodia do câncer. Não se esqueçam de que estão equipados com um sistema imunológico fantástico que, 24 horas por dia, extermina 100.000 células cancerosas, e, assim,



elas não conseguem crescer. Porém, o modo como esse sistema imunológico trabalha depende do “terreno” do corpo.

Agora é importante saber que uma célula cancerosa é uma célula em asfixia. Como há algo errado, a célula já não recebe oxigênio e começa a fermentar. Além disso, ela divide-se rapidamente, talvez para dar mais chance às suas descendentes. Mas, quando suas descendentes também estão doentes e quase se asfixiam, dividem-se rapidamente do mesmo modo. Assim, é como se as células cancerosas corresse da morte em pânico, multiplicando-se cada vez mais rápido! Essa situação precisa ser resolvida. Isso somente é possível pela insuflação de vida, como afirmou o velho Moerman, pois, quando a vida retorna, a célula pode respirar livremente outra vez, e interrompe essa proliferação. Mas de onde podemos obter a vida, esse quinto elemento?

Uma regra geral é: “Somente a vida pode dar vida”!

Onde encontrar esse admirável quinto fator, a quintessência, também chamada de *chi*, *prana*, *vis medicatrix naturæ* e, no século 20, denominada *orgônio* por Wilhelm Reich? Ela chega até nós vinda do sol, na forma de pequenos pacotes de luz chamados fótons, que são os portadores visíveis da vida invisível.

O que fazem os fótons? Vou indicar duas de suas propriedades:

a. Eles fornecem estrutura. Eles fornecem ao corpo a informação para que as formas estejam em concordância com o plano geneticamente estabelecido, com base no ponto de vista funcional e harmônico. Como as células se comunicam entre si diretamente com o auxílio dos fótons, e estes têm uma velocidade de 300.000 km/s, o corpo é um todo coeso. Cada célula está exatamente no seu lugar. Portanto, os fótons também são portadores de informação.

b. Eles fornecem energia e vitalidade – resumindo, eles adicionam vida à matéria. A vida não deriva de um processo químico entre as moléculas: na verdade, ela é um fator absolutamente peculiar.

DE ONDE TIRAMOS A VIDA?

Diretamente da luz do dia que incide nos olhos (desde que não haja óculos entre eles e a luz). Além disso, ela vem das plantas cruas, saudáveis e frescas!

Nas folhas verdes das plantas (bem menos naquelas que são tratadas com adubos artificiais e pesticidas) a luz do sol é capturada por meio da clorofila. É a partir daí, com dióxido de carbono (CO₂) e água, que a planta produz açúcar. Depois, com o auxílio de minerais do solo, esse açúcar, esse alimento básico, é transformado em carbo-hidratos, gorduras, proteínas, vitaminas etc. Portanto nós, homens (assim como os animais), somos “comedores de luz”!

Quem tomou essa fotossíntese como ponto de partida para suas regras de alimentação foi o famoso médico suíço Bircher Benner, terapeuta natural. Ainda sem ter conhecimento da existência dos fótons, ele afirmou que “o alimento que contém o máximo de luz é o mais saudável”. Ele dividia os alimentos em quatro categorias, em ordem decrescente de energia luminosa:

1. Todas as partes das plantas cruas frescas (naquela época o cultivo artificial ainda era raro) são o alimento básico para o homem, ou seja: cereais, verduras, raízes, frutas, nozes, azeite de oliva obtido naturalmente etc.
2. a. Partes de plantas cozidas, refogadas ou fritas. Portanto, pão, legumes cozidos e frutas aquecidas. Nesse caso, a energia luminosa já se reduz um pouco.
b. Quando o alimento vegetal é ingerido por um animal, o tecido desse animal recai

Quando uma pessoa se alimenta de acordo com essas regras e ainda se movimenta suficientemente ao ar livre, luz, vida e oxigênio fluem para o seu interior. Assim, o resultado é ótima prevenção contra o câncer

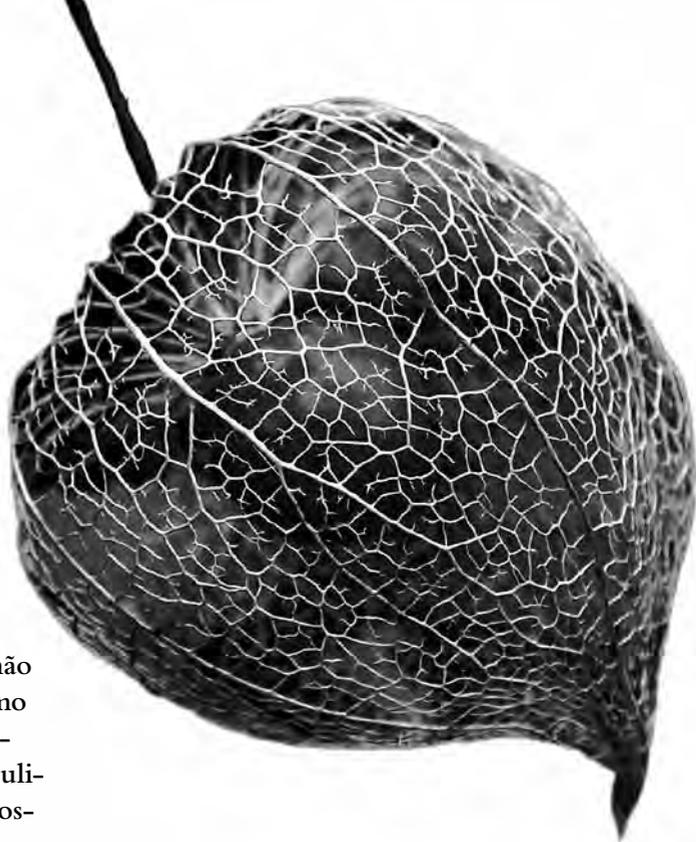
- na categoria 2. Portanto, leite cru, bife cru, arenque cru. O leite cru, fresco, ainda contém muita energia luminosa – e isso pode ser demonstrado por fotos Kirlian. Infelizmente pasteurizamos todo o leite: assim, ele passa a pertencer à categoria 3. Mas, se adicionarmos a ele bactérias vivas, como por exemplo, no iogurte, podemos trazê-lo de volta à categoria 2. Um ovo cru pertence à categoria 2.
3. Quando fritamos a carne bovina ou o peixe (estou falando da maior parte dos peixes herbívoros) ou quando cozinhamos um ovo, esses alimentos perdem muita energia luminosa. Os gêneros alimentícios de categoria 2 são bons; já os da 3 devem ser ingeridos moderadamente e não todos os dias.
4. O animal herbívoro pode ser devorado por um predador. Então, esse predador traz em si tecidos da categoria 3. Na natureza, os leões, por exemplo, devoram primeiro os intestinos de suas presas: é que ali ainda se encontra bastante energia luminosa das plantas que foram parcialmente digeridas. Mas quem come feras carnívoras? Por que elas são um grupo isolado? A maioria do nosso povo é constituída de comedores de predadores carnívoros: lembrem-se que o porco, que é onívoro e devora de tudo, pertence à categoria 3 com relação a seu tecido. Mas como sua carne é frita, chega-se, assim, à categoria 4, na qual quase já não existe energia luminosa. No judaísmo e no islamismo a carne de porco é proibida.
5. De acordo com Bircher Benner, surgiu mais uma categoria com o açúcar refinado, o pão branco, gorduras saturadas como margarina, leite em pó, corantes e aromatizantes artificiais. Todos esses são meros aditivos e não alimentos. São até ladrões de luz e devem ser evitados!
- Ao lado dos alimentos portadores de luz existem bons complementos com bastante luz, como vitaminas naturais (é estranho, mas mesmo quando consta “biológico” na embalagem muitas vitaminas são, em sua maior parte, de produção sintética, como a vitamina B1, feita de alcatrão de hulha), e também o tomilho, poderoso portador de luz. É por isso que, nos dias mais escuros do inverno, o xarope de tomilho auxilia tanto nos casos de resfriado. Babosa, ginseng e alho também são grandes portadores de luz. Quando uma pessoa se alimenta de acordo com essas regras e ainda se movimenta suficientemente ao ar livre, luz, vida e oxigênio fluem para o seu interior. Assim, o resultado é ótima prevenção contra o câncer.

C. DEPURAÇÃO

O terceiro pilar da Medicina complementar para o câncer é a depuração ou purificação. A Medicina convencional contra o câncer nada sabe a respeito disso. Depois de 60 anos de reflexão sobre esse tema, cheguei, por fim, à conclusão de que o conceito “câncer” pode ser condensado como o estágio terminal de intoxicação nos três planos da estrutura humana. Eis alguns exemplos de intoxicação física:

Com os programas de vacinação em massa trouxemos realmente o cavalo de Troia para dentro de nossa vida

1. Na Holanda, na sexta semana após o nascimento, começamos a ministrar a nossos bebês uma grande quantidade de vacinas. Desde que, no dia 1º de outubro de 2011, a hepatite B foi oficialmente incluída no programa de vacinação, inocula-se em cada lactente, após seis semanas de vida, micróbios “domesticados” de seis doenças diferentes. As ampolas contêm ainda elementos nocivos – realmente muito nocivos. Em torno do 15º mês de vida, cada criança já recebeu cerca de 32 porções desses venenos; e isso acontece quando o cérebro e o sistema imunológico ainda não estão suficientemente maduros! O neurocirurgião americano dr. Russel Blaylock descobriu que nosso sistema imunológico não está em condição de lidar com o coquetel de doenças infecciosas que essas vacinas contêm. Ele reage com a produção de excitocinas que provocam inflamação crônica, principalmente no cérebro, e cada coquetel que vier a seguir provocará uma escalada desse processo. Desse modo, as vacinas não treinam, de modo algum, as assim chamadas neuróglia (células do tecido nervoso) do sistema imunológico, mas, na verdade, impõem a elas uma brecha permanente! Mais tarde, as inflamações cerebrais subclínicas (não identificadas do exterior) podem exteriorizar-se em uma verdadeira tempestade de perturbações comportamentais como as TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) que, desde as vacinações em massa, aumentou de modo explosivo, e o autismo (que, de 1992 a 2008, subiu de 1:100.000 para 1:125 e continua aumentando). Após a segunda vacinação, principalmente, percebemos também muitas inflamações corporais crônicas, como moléstias do nariz, da garganta e dos ouvidos, além de muitas doenças alérgicas. A vacina não é a causa direta delas, mas lança a base. Com nossos programas de vacinação em massa trouxemos realmente o cavalo de Troia para dentro de nossa vida.
2. Na agricultura, são empregados pesticidas massivamente. Um dos exemplos mais recentes é o *imidacloprid*, que está causando danos ao sistema nervoso central não apenas dos seres humanos, mas também no das abelhas, que, por isso, já não conseguem encontrar o caminho de volta para suas colmeias. É por isso que populações inteiras de abelhas estão desaparecendo em grande escala sem deixar vestígios.
3. Na Holanda, o flúor é misturado apenas na pasta dental, mas em dosagens fixas. Crianças pequenas engolem 35% dele. De acordo com Dean Burk e John Yiamouyiannes, nos estados americanos nos quais a água potável é fluoretada, apesar das inúmeras comprovações de danos à saúde, há um crescimento de 10% na mortalidade por câncer.
4. Metais pesados como alumínio, mercúrio, chumbo. Os dois primeiros são adicionados a algumas vacinas e, mesmo em quantidades bem pequenas por ampola, são muito prejudiciais.



5. Plástico. Ficou comprovado que o plástico não é neutro. Ele libera o *nonilfenol*, que age como hormônio feminino. Ele prejudica, entre outras coisas, a capacidade de procriação masculina! A poluição que o plástico provoca em nossos oceanos é gigantesca. Por meio da cadeia alimentar, toda essa poluição chega aos nossos pratos e, assim, podem provocar tumores relacionados aos hormônios.
6. O enorme aumento da radiação gerada pelas torres de GSM, e UMTS. As torres de GSM (Sistema Global para Comunicações Móveis) – portanto para celulares – e de UMTS (Sistema de Telecomunicações Móveis Universal) – isto é, para Internet móvel – são causadoras de câncer, por mais que esse fato ainda seja fortemente contestado. Também ocorrem muitos gliomas (tumores benignos no cérebro) em pessoas que telefonam frequentemente com o uso de equipamentos GSM e DECT (Telecomunicações Sem Fios Digitais Melhoradas) – telefones sem fio, por exemplo. Mesmo sendo benignos, os gliomas são perigosos devido à sua localização.
7. O inquietante aumento dos detritos radioativos que provocam câncer. O acidente nuclear no Japão foi 60 vezes mais grave do que o de Chernobyl – e esta catástrofe já havia prejudicado toda a Europa. A radiação vinda do Japão ainda não foi medida suficientemente.

O que estamos desvelando aqui é apenas a ponta de um iceberg tóxico. É por essa razão que prescrevemos tratamentos de desintoxicação de grande amplitude para pacientes com câncer. Primeiro, porque todo adulto jovem já tem 1 kg de matéria tóxica acumulada no corpo. Segundo, porque a destruição do tumor libera muita matéria tóxica acumulada nas células tumorosas, e essa matéria atinge o sangue. A dra. Catherine Kousmine pressupõe até que os tumores são pequenas fábricas de processamento de venenos. Quanto mais veneno, mais câncer! Portanto, falamos resumidamente sobre a parte física. Mas ela diz respeito apenas ao corpo! O verdadeiro homem, que somos nós mesmos, é invisível. Ele consiste em alma e espírito. Não incluí-los na terapia é demonstração de negligência. Vamos, então, refletir sobre isso: nosso corpo visível é a expressão da verdadeira personalidade invisível. Este é um campo imenso! Vamos apresentar uma síntese.

II TERAPIA DA ALMA

Notamos nossa alma através das emoções e de muitas outras formas. Existem em nós emoções

construtivas, como amor, amizade, vivacidade, alegria, serenidade. Mas, em relação ao problema do câncer, é preciso falar sobre as emoções negativas como: ódio, cólera, ciúme, humilhação, ressentimento, e também medo, contrariedade prolongada, desesperança e sensação de inutilidade e improdutividade. Essas emoções negativas são saqueadoras de luz da alma. Elas a obscurecem, e isso tem efeito direto sobre nosso sistema imunológico. Assim, elas retardam a ação dos glóbulos brancos do sangue que, desse modo, mal conseguem detectar e combater as células cancerosas. Trata-se de emoções negativas longamente cultivadas, tão perigosas quanto fumar um pacote de cigarros por dia. É importante detectá-las – e isso não é simples, pois principalmente os pacientes com câncer são mestres em ocultar dos outros e de si próprios as emoções negativas. Em geral, são justamente pessoas amorosas, que querem contentar a todos.

Por isso, reprimem com firmeza as próprias emoções negativas. Assim, não demonstram o que lhes acontece no interior. Leshan, o escritor que acabei de citar, diz que “elas passam a vida inteira seguindo a música dos outros e não conseguem cantar a própria melodia interior”. Ele conta muitas histórias de pacientes com câncer que, mesmo desenganados, curaram-se quando reencontraram a própria melodia e tiveram a coragem de expressá-la de novo. Nessa época que já não dá à alma seu direito e seu espaço, época que podemos chamar, com razão de “desanimada” ou “sem alma”, é especialmente importante dar ao paciente com câncer a oportunidade de contar a história de sua vida. Essa questão nunca é colocada na prática da Oncologia. Por isso, é comovente assistir como os pacientes ficam felizes e surpresos quando dedicamos tempo para descobrir quem eles realmente são.

III TERAPIA DO ESPÍRITO

O campo espiritual é imenso: é um universo em si mesmo. Mas, uma vez mais, sou obrigado a restringir-me a um pequeno resumo.

Assim como as emoções negativas intoxicam a alma, os pensamentos equivocados e as informações falsas intoxicam o campo do espírito, que é a consciência. A esse respeito mencionarei aqui um bestseller absoluto de 2011 na Europa: o livro *Sie sind Ihr Gehirn* (Você é seu cérebro). Rapidamente foram vendidos 100.000 exemplares e isso de um livro sobre o cérebro! É bem escrito, com suspense e pitadas de humor. Porém, qual a mensagem que o autor, Dick Schwab, divulga através de todo o livro?

- O espírito é um detrito do cérebro do mesmo modo como a urina é uma secreção dos rins.
- O livre-arbítrio não existe: é uma ilusão.
- Por esse motivo, a pessoa não é responsável por seus atos.
- A vida não tem sentido. O único sentido da



Uma das grandes tarefas à nossa frente é fazer com que o espírito desperte do coma profundo em que entrou

vida é fazer que um sêmen consiga chegar até um óvulo.

Na minha opinião, isso é desinformação absoluta! É a visão de mundo materialista, niilista, que mantém presos, como numa camisa-de-força, os nossos detentores do poder e grande parte do mundo. Hitler e Stálin também tinham essa concepção da vida. Foi essa concepção materialista que levou cerca de 100 milhões de pessoas à morte, pois Hitler usou-a como motivo (o direito do mais forte) para exterminar os judeus, e Stálin, para eliminar a pequena-burguesia. Não é minha intenção comparar o autor citado há pouco com esses assassinos em massa. Pretendo apenas mostrar aonde um pensamento desumano pode levar mesmo quando os que formularam esse tipo de pensamento nem sequer previam isso.

Esse modo de pensar, que é praticamente dominante, é ensinado a nossos jovens já desde a escola fundamental. A consequência é uma epidemia de sentimentos de desesperança e desamparo entre os jovens. A depressão, que já se manifesta em crianças bem pequenas, é chamada pelo psicólogo Coleman de “a grande doença espiritual do século 21”. Segundo Leshan, “o desamparo e a desesperança são as duas palavras-chaves para descrever o estado de espírito dos pacientes com câncer”. E o cirurgião Bernie Siegel descobriu algo que já era sabido na Antiguidade: esse estado de espírito já existe profundamente oculto na pessoa muito tempo antes de o câncer irromper.

Se negarmos obstinadamente a existência do homem metafísico, aquele que realmente somos,

resta apenas o corpo. Então, ele “cai em si” no verdadeiro sentido das palavras, e aí a matéria começa a proliferar, do mesmo modo que a natureza quando, no outono, ela morre e fica cheia de fungos. É preciso fazer algo contra isso, pois a matéria é impetuosa, mas não tem existência própria. Ela apenas expõe à luz do dia o grande problema existente por detrás da doença, mostrando nossos erros fundamentais. Em minha opinião, uma das formas de prevenção do câncer mais importantes consiste em ensinar aos jovens, desde pequenos, que a vida tem sim um sentido, e que o Criador fez a vida com muito amor e cuidado. Por essa razão, uma das funções do tratamento complementar do câncer é buscar com o paciente o sentido da vida.

Uma das grandes tarefas à nossa frente é fazer com que o espírito desperte do coma profundo em que entrou. Pais e avós têm a imensa tarefa de atacar o espírito da época e dar novamente a seus amados filhos e netos pão espiritual ao invés de pedras. Para isso, obviamente, cada um deve educar a si mesmo – o que demanda muita coragem, pois quando nos voltamos contra o espírito dominante na época, ele se vingará! Mas o bom é que nós mesmos podemos criar coragem. Por essa razão dou a esta palestra, como lema para este conflito espiritual, as palavras do Profeta Joel, do Velho Testamento, de 2.700 anos atrás, que também foi uma época de grande carência espiritual:

Forjai de vossas velhas espadas, e de vossas podadeiras lanças. Que o fraco diga: “Eu sou um herói!” (Joel 4:10) 🌟

música e espiritualidade

Se extinguisse o som e o sentido, o que ouvirias então? Essa pergunta foi feita por um grande mestre zen no século II. Desde então, ela continuou sendo feita durante séculos nos mosteiros zen do Japão. A resposta pode exigir uma vida inteira, ou até mais.

O som e o significado da música são o tema deste artigo, dentro do contexto de um possível caminho de desenvolvimento espiritual.

MÚSICA COMO REFLEXO DO MACRO E DO MICROCOSMO

Antes de criarmos música com a voz ou instrumentos, fomos criados pelo som.

É pelo som que a imagem do macrocosmo se reflete no microcosmo. A respeito do macrocosmo, já no século 17, Kepler percebeu que os planetas não se moviam em órbitas circulares, mas em órbitas elípticas. De todas as infinitas possibilidades, os planetas seguem precisamente órbitas elípticas que correspondem à ordem dos harmônicos superiores na música. Elas correspondem, por assim dizer, à mesma sequência de harmônicos superiores. A série harmônica¹ é a escala mais natural que existe.

O timbre de um instrumento é determinado pela quantidade maior ou menor de harmônicos que soam ao mesmo tempo com um som fundamental. Quando escutamos uma nota musical de um instrumento, ouvimos sempre um som fundamental e uma série específica de harmônicos. À medida que a série harmônica avança, mais dissonantes os harmônicos se tornam em relação ao som fundamental. No começo da série, encontram-se as relações mais harmoniosas entre as notas: como a oitava (relação de frequências de 1:2), a quinta (2:3) e a quarta (3:4). Mas, no final da série, notam-se relações sonoras “menos harmoniosas”: a segunda (7:8), a sétima (12:23) e

o trítone (12:17), que é um intervalo constituído por três tons completos.

Os intervalos também podem ser expressos em números. Eles correspondem às relações que encontramos na natureza e no cosmo. Portanto, as relações acústicas têm um caráter cósmico. Todos os movimentos do cosmo emitem um som, por mais baixo que seja. Esses princípios de organização aplicam-se tanto ao macrocosmo e ao microcosmo quanto à música. O conhecido princípio da “razão áurea” (0,618), na natureza e na arquitetura, corresponde, por exemplo, na música, ao intervalo de sexta (entre $12:19=0,63$ e $12:20=0,60$). Todas as formas orgânicas, e também os cristais, são constituídas de tal maneira que suas proporções correspondem às relações numéricas entre os intervalos harmoniosos na música, as quais podem ser expressas por números inteiros naturais, tal como Pitágoras e Platão já haviam verificado. Uma pesquisa específica revelou que se podem distinguir mais de mil notas diferentes entre o som audível mais grave e o mais agudo. Na música apenas se usa uma pequena parcela delas. Um piano comum tem, por exemplo, apenas oitenta e oito teclas. As notas usadas estão relacionadas às leis da natureza e do cosmo anteriormente descritas. Mesmo quando as notas se desviam levemente dessas leis, são afinadas (“puras”) e justas.

No piano não é possível produzir notas correspondentes a um quarto de tom, porque não há teclas para isso. Em instrumentos em que podemos produzir frequências livremente,

¹ Para os leitores leigos em música, aconselhamos uma pesquisa na Wikipedia ou outra enciclopédia.



incluindo aí a voz humana, pode-se em princípio fazer isso. Também as escalas no Oriente, com 22 notas, têm uma estrutura da qual fazem parte quartos de tom. As notas dentro da oitava não são afinadas de maneira “pura”. A tensão das cordas do piano é ajustada de maneira que as notas possam ser ouvidas bem afinadas. A relação de frequências entre cada semitom é a mesma – o que se desvia da afinação matemática pura, que corresponde a números inteiros. Justamente por adotar-se uma distância igual em frequência entre os semitons – o temperamento igual – é que foi possível “modular” ou alternar entre os

diferentes tipos de tonalidades e, dessa maneira, criar a música ocidental nos últimos séculos! O que costumamos chamar de “música” é comparável a um aspecto da harmonia e da energia do universo que está ativo em tudo e todos – e é a origem da natureza. A história da música traduz-se na descoberta de novas harmonias. No princípio da música humana, somente se consideravam belas as melodias monofônicas (apenas uma voz). No período grego, foi descoberta a primeira oitava. Este foi o primeiro passo na direção de tocar duas notas simultaneamente. Depois se segue a descoberta da quinta (relação de

A partir de 1300, a terça, o intervalo do diabo, entrou nas composições musicais!

frequências 2:3) e a quarta (3:4). Na Idade Média, considerava-se ainda a terça (4:5) como “o intervalo do diabo”, mas, a partir de 1300, ela entrou nas composições musicais. Ao longo do século 15, a escala maior (correspondente a dó, ré, mi, fã, sol, lá, si, dó) conquistou o seu lugar. Durante os séculos subsequentes, vemos um aumento do uso de duas ou mais notas que anteriormente eram consideradas dissonantes. No século 19, eram somente consideradas como dissonantes a segunda (12:13), a sétima (12:23) e o trítone (12:17), apesar de Bach e Mozart já os usarem como elementos de tensão em passagens para acordes harmônicos. Atualmente, nossa audição aceita como independentes essas relações de frequências de suspense. As conhecidas doze notas da oitava e seus intervalos foram integrados gradualmente na música pelo ser humano, que assim se ligou cada vez com mais intensidade às leis do mundo. Por consequência, ele acrescenta aos intervalos mais harmoniosos intervalos que, a princípio, soam cada vez mais dissonantes. No século vinte, esse desenvolvimento desaguou na reprodução de *glissandos* (passagens contínuas e suaves de uma nota para outra) e no uso de ruídos e barulhos nas composições musicais – o que indica a chegada do final de uma fase.

MÚSICA E EMOÇÃO Atualmente, podemos ouvir e tocar diferentes espécies de música. Qual é a base de nossa escolha? Qual é a base, por exemplo, dos *blues*? A expressão

“*No white man can play the blues*”, refere-se aos escravos no passado, que tinham de trabalhar nas piores condições nos campos de algodão. Eles exprimiam sua experiência de vida e o exílio da pátria por meio dessa música. Hoje conhecemos músicos que não têm de viver como escravos, tendo até mesmo uma boa situação financeira, e que, no entanto, conseguem tocar *blues* de maneira convincente. A consciência de vida que aqui é exprimida se relaciona eventualmente com sofrimento, com frustração e um vago desejo que não pode ser apaziguado pelas atuais condições de vida. A palavra “*blues*” refere-se a um estado de espírito melancólico. Esse sofrimento pode provir de uma insatisfação com este mundo, mas a melancolia pode também ser um desejo de amor, de ligação com um estado ideal. Tanto no *blues* como na música *pop*, trata-se de um amor não realizado ou inatingível. Em muitos casos, a música reflete a consciência de vida de determinado período. Jovens para os quais a vida não têm sentido e são obrigados a crescer num mundo orientado para o materialismo e a intelectualidade criam música que exprime essa experiência de vida. Nesse contexto, podemos falar de um estado de consciência que é convertido em ritmo e som.

O ouvinte acha a música bonita se seu estado de consciência e sua experiência de vida correspondem ao do compositor e ao do músico, tal como uma corda que está afinada em determinada nota entra em ressonância quando outro instrumento próximo toca a mesma

nota. A música é considerada bela na proporção em que houver ressonância entre compositores, músicos e ouvintes. Essa ressonância pode ser no nível deste mundo, mas também no nível da alma. A música pode expressar sentimentos como tristeza, alegria, agressão e desejo, que podem ser refletidos no ouvinte. A forte influência da música reside em seus aspectos mais imateriais. E muitos casos não são as notas em si que determinam o efeito, mas a relação entre elas.

O POSSÍVEL SIGNIFICADO DA MÚSICA NA SENDA ESPIRITUAL Em que ponto de nosso desenvolvimento nos encontramos como compositor, músico ou ouvinte?

Um belo poema de Eichendorff diz-nos o seguinte:

*Dorme uma canção
Em todas as coisas,
Que sonham e sonham.
E o mundo somente a entoa
Quando encontras a fórmula mágica.*

Não é possível captar na íntegra a melodia, a canção da terra sagrada, sem a fórmula mágica, que é o som único.

Estamos em um ponto onde já não se trata de reproduzir as leis do universo ou nossos sentimentos, mas de ligar-nos a esse som, à força original, unificar-nos com ela e deixá-la soar no mundo por nosso intermédio. *Se extinguisses o som e o sentido, o que ouvirias então?* Se nosso sentido auditivo não estiver ativo nem houver som, então o som divino poderá soar em nós e fazer todo o microcosmo vibrar. Ouvimos a Voz do Silêncio e nos transformamos nela. No entanto, Catharose de Petri, em seu livro *Cartas*, capítulo 42, citando Platão, diz: “o treinamento musical é um instrumento mais

poderoso do que qualquer outro, porque ritmo e harmonia chegam aos recônditos da alma, onde se fixam poderosamente”. A tarefa dos compositores e músicos é, em sentido espiritual, esvaziarem-se a si mesmos para poderem assimilar as vibrações divinas e possibilitar a ressonância destas em seu próprio sistema. Por conseguinte, o ouvinte que pode ressonar consegue conectar-se com essa energia.

Se os seres humanos que se encontram na senda, orientados espiritualmente com base numa sintonia interior, cantarem em uníssono, ele criarão, mediante a música, o som e o significado das palavras, uma vibração que trespassa o campo vibratório da terra. Uma vibração análoga já presente no universo irá ressonar com essa vibração especial. O som que emana do microcosmo fortalece a vibração semelhante no universo presente nos seres humanos e, dessa maneira, fortalece a vibração no próprio microcosmo. A música é um fenômeno complexo com muitos aspectos diferentes. Como reflexo das leis cósmicas básicas, ela pode despertar e exprimir diferentes emoções em nós. O desejo de reunificação com o campo de vida divino pode exprimir-se na música, cujo efeito reflete-se sobretudo no plano da alma, mas, no entanto, dependendo do estilo, também outras áreas podem ser influenciadas.

O nível de consciência e a intenção com que ouvimos ou tocamos música têm caráter decisivo ☸

Bibliografia:

Berendt, J.-E. *Nada Brahma: Die Welt ist Klang (Nada Brahma: o mundo é som)*. Frankfurt: Rowohlt, 1983.

Berendt, J.-E. *Nada Brahma: De wereld is geluid, een speurtocht door muziek, wording en bewustzijn (Nada Brahma: o mundo é som: uma incursão em música, vir-a-ser e consciência)*, Haia: East West Publications, 1988.

O S Q U A T R O E L E M E N T O S



Durante bilhões de anos, água e terra interagiram até que a vida se tornasse possível. Vida unicelular, mínima, sem fixar-se em um local preciso, sempre em movimento: começo da existência.

Mistério profundo: numa concentração crescente, uma densificação desprovida de consciência de repente veio a “ser”! Pela atividade do fogo, da chuva e do vento surgiu — ou os elementos aprenderam — um conceito rudimentar de “ser”...

Á G U A

acontecimentos marcantes

“Outra história não há senão a da alma, nem outra paz, senão a da alma.”

Revestido deste “ego” criado pelo juízo dos indiferentes, por condecorações sem sentido, por “desempenhos” com o protocolo necessário — amarrado na camisa-de-força do cotidiano. Na escharpa do pico ensolarado surge na luz, com a luz, da luz: o um e a vida no um — aceitos, invencíveis, livres.

O caminho fora de mim é obstáculo;
e o que leva para dentro de mim, realização.

Dag Hammerskjöld, Acontecimentos marcantes, 28 de abril de 1957

Não és nem óleo nem ar, apenas um ponto incandescente, o foco onde a luz pode nascer. Nada mais és que uma lente pela qual passa o feixe de luz. Somente assim consegues absorver, obter e irradiar a luz.

Quando buscas a ti mesmo, porque “é teu direito”, impedes o encontro do óleo e do ar na chama e tiras a transparência da lente.

Santificação é ser a luz ou estar na luz, é aniquilar-se para que a luz possa nascer, aniquilar-se para poder concentrá-la e irradiá-la. Conhecerás a vida e serás reconhecido pela vida segundo a medida de tua transparência, ou seja, pela capacidade de desaparecer como fim para ser apenas meio.

Dag Hammerskjöld, Acontecimentos marcantes, 28 de julho de 1957

o milagre do desaparego

JOÃO SORTUDO

Os irmãos Grimm escreveram uma história sobre João Sortudo, que recebeu uma enorme pedra de ouro como pagamento pelo período de aprendizado com seu mestre. E assim ele volta para casa com aquela pedra reluzente do tamanho de sua cabeça. No caminho, ele troca a pedra por um cavalo, o cavalo por uma vaca, a vaca por um porco, o porco por um ganso. Por fim, troca o ganso por uma pedra de amolar. Mas logo a pedra cai em uma fonte... e ele acaba sentindo a maior felicidade!

Esse conto é muito conhecido, mas quem entende a profunda verdade por detrás dessa história? É a verdade do Tao: a sabedoria do “milagre do desaparego”, expressa aqui por inúmeras metáforas.

João Sortudo – aparentemente um bobo ou um louco – pode ser visto como um ser humano que dedicou a vida a uma grande tarefa: a de transformar-se em um novo homem. O que significa “ser um novo homem”? E como é possível imaginar o caminho para chegar a esse objetivo? Quem recebe uma pedra de ouro do tamanho da própria cabeça como recompensa pelo período de aprendizado na escola do mundo certamente trabalhou bem. É sinal que utilizou bem seus instrumentos: pensar, desejar e agir. E também usou de inteligência para realizar a obra do “tornar-se consciente”, e o fez de forma a satisfazer completamente seu mestre. Um homem como esse destaca-se da multidão: ele realmente tem sorte. Ele é um João Sortudo, um feliz servidor de seu mestre. É nessa situação que encontramos João Sortudo com a pedra de ouro, a riqueza adquirida pela experiência, já liberado da vida e do destino por seu mestre, e pronto para voltar para casa! Ele está consciente do real valor do tesouro de experiências. Por isso, sabe que já pode iniciar seu caminho de volta.

Até esse momento, seu aprendizado havia constituído a base necessária para sua missão. Então ele recebe do mestre – a inteligência

cósmica que sustenta a evolução da humanidade – uma pedra de ouro do tamanho de sua cabeça.

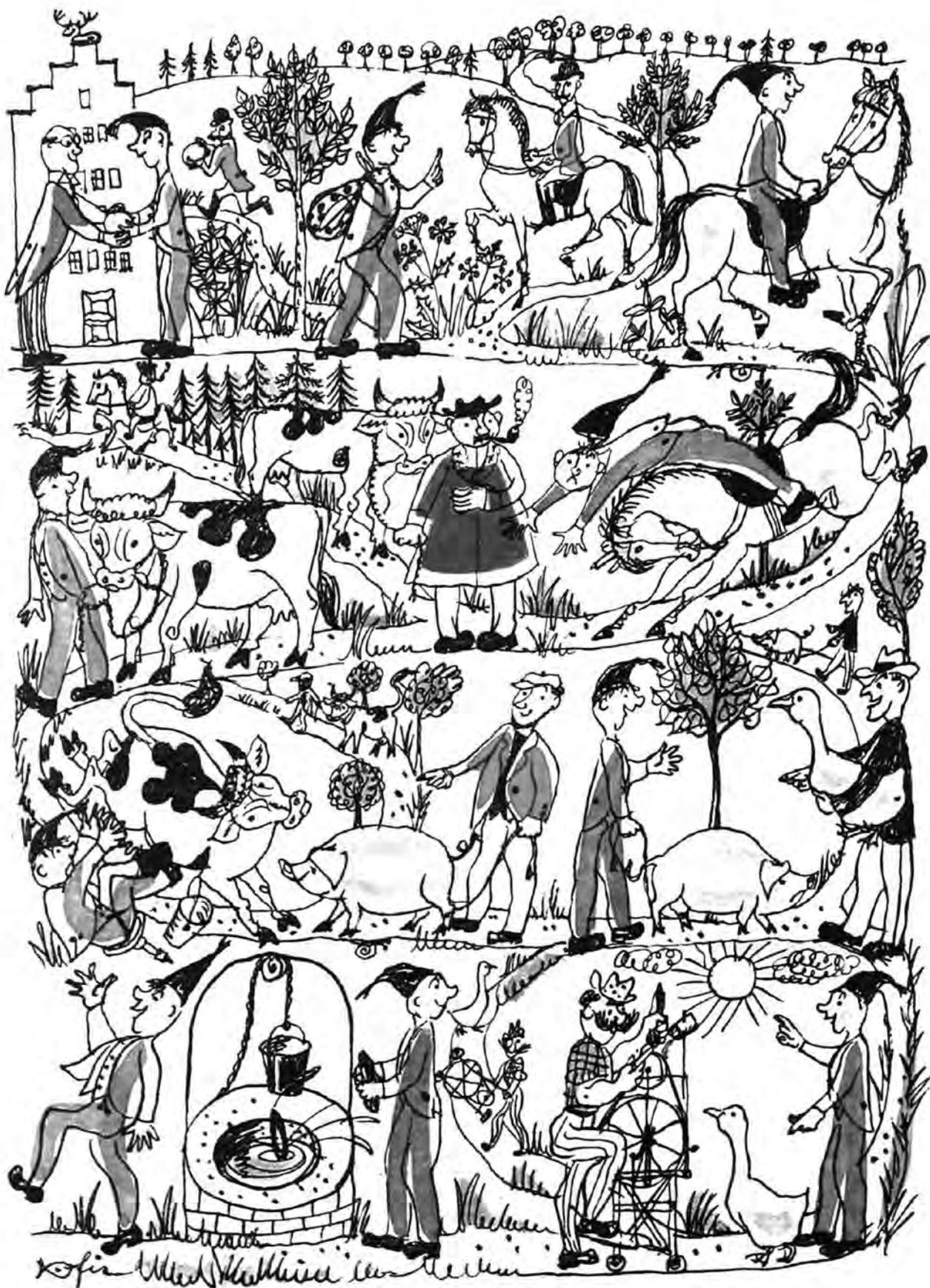
Assim, agora ele possui uma personalidade que funciona perfeitamente: um ego fortalecido, uma ferramenta de trabalho ideal para o indivíduo.

Essa é a recompensa que João recebeu por seu trabalho aqui neste mundo da matéria, durante inúmeras experiências: uma pedra de ouro do tamanho de sua cabeça.

Isso permitirá que João observe o mundo de maneira inteligente, para discernir entre o bem e o mal (será que ele conseguirá?), ganhando sempre novas experiências e decidindo livremente qual caminho deseja seguir.

Agora, após finalmente ter conquistado a “pedra de ouro”, João quer ir para casa. Ele deseja voltar para a “mãe”, para a fonte primordial de todo o ser, para o Tao, pois o retorno à mãe é o caminho que irá levá-lo a completar sua missão de tornar-se um novo homem, mediante o acesso ao pensamento autônomo, criador e realizador do plano de Deus.

João está muito feliz com isso. No caminho de volta, ele passa por experiências totalmente imprevistas. Experiências que ele nunca teria imaginado para seu caminho. No retorno à “mãe” – ao Tao – inicia-se algo totalmente novo para os seres humanos que, como João, adquiriram a pedra de ouro mediante uma personalidade amadurecida. É



João Sortudo (Hans im Glück). © Hans Fischer, Zürich 1961

como se há muito, muito tempo, ele tivesse descido uma montanha cósmica rumo ao vale profundo da matéria, onde realizou seu aprendizado por meio de inúmeras experiências.

Agora, ele espera conseguir subir novamente a montanha cósmica, de volta à origem.

Colocado diante de provas inesperadas, João precisa demonstrar o que aprendeu no decorrer de seu aprendizado “no vale da matéria”, confrontar sua razão, seu modo de pensar e seu ego com as experiências da realidade. Essa confrontação deverá permitir-lhe adquirir a consciência da limitação do mundo material, de sua decadência inevitável, do fim de todas as coisas, de acordo com as leis da própria essência desta natureza. Por que existe decadência? Por que existe morte? Por que existem medo, sofrimento e essa eterna repetição das experiências da vida? Será que João realmente tomou consciência de tudo isso?

João Sortudo recebeu, por seu período de aprendizado, uma pedra de ouro do tamanho de sua cabeça. Isso significa que seu ego é realmente dotado de uma razão e de uma consciência, e que agora pode ver o mundo como ele é: não é ele uma maravilha como uma escola de sete níveis, onde as pessoas podem repetir as lições infinitamente? Uma escola para “imperfeitos” – um enorme hospital, uma prisão, um campo de batalha, um cemitério... Sim: um imenso lugar onde podemos passar por experiências, onde estamos sempre nos enganando, um lugar cheio de catástrofes, mas também de tantas maravilhas da natureza? Bem, essa é uma contradição que não pode ser resolvida. Esse é o jogo da constante mudança dos opostos! O que significa isso, no fundo? A verdade única, eterna e real, onde todos os opostos se dissolvem, não está por detrás disso?

João Sortudo refletiu sobre tudo isso com seu “eu-consciência” e deseja de coração voltar à sua “mãe”. Por isso ele entra no caminho de retorno, o caminho da escalada cósmica interior em direção à origem divina,

para a mãe de toda a vida, a “mater”. Nesse caminho, a pedra de ouro parece tornar-se cada vez mais pesada. Todo o peso adquirido por seu ego, sua complexa personalidade e suas inúmeras experiências, a lentidão de sua razão aprisionada na matéria e voltada para o eu, tudo isso paralisa-lhe os passos. Apesar de estar sedenta, sua alma não consegue seguir em frente.

Ela fica cada vez mais bloqueada por questões vindas do eu-consciência, encapsulada por dúvidas, atormentada pela culpa.

Então, ele encontra um homem montado em um cavalo quase indomável. Que sorte! Para João, o cavalo simboliza o dinamismo, a energia mental, a força de vontade e a idealidade. Um cavalo como esse com certeza haveria de fazer que ele chegasse mais rápido à meta! Um princípio superior o anima: ele troca com prazer sua pedra de ouro pelo cavalo.

Assim agindo, ele desapega-se de seu eu e de sua personalidade complicada e a entrega ao princípio superior do mundo da ideação. “Dinamismo, força de vontade e inspiração haverão de conduzir-me até o bom fim!”, exclama João Sortudo. Eia! Eia! Eia! Assim ele vai tentando ultrapassar o tempo e o espaço. Mas, vejam! Em sua impaciência, ele perde o controle da montaria. Logo depois de ter uma ideia repentina, o dinamismo de sua vontade desenfreada derruba João da sela! Ele cai do cavalo no chão duro da realidade. João fez a tarefa muito rapidamente. “Nunca mais vou montar nesse cavalo”, decide, feliz por ter descoberto, com essa experiência, um novo aspecto do autoconhecimento.

É então que aparecem um fazendeiro e sua vaca. “O que falta para mim”, fala consigo mesmo João, perdido em seus pensamentos, “é a meditação: um coração suave, o sossego, a paz, a contemplação interior e o silêncio”. E a vaca simboliza justamente isso! “Além do mais, ela me dará leite, que é o sumo sutil

das antigas sabedorias. Bem que vou precisar disso no caminho de volta para minha mãe. Fantástico!” E, assim pensando, feliz, João troca seu cavalo pela vaca, e a segue, tranquilo, contente consigo mesmo. Ele segue meditando sobre a eternidade, pensando na mãe, no Tao...

Sim: ele fica contente até com o esterco que, como sinal de elevada sabedoria, a vaca vai deixando para trás. Mas por que será que essa vaca não dá nem uma gota de leite sequer? E por que ela sempre tenta chifrá-lo quando tenta ordenhá-la? “Ah, essa vaca é muito magra e velha!”, explica um camponês que vai passando com um porco gordo em um carrinho de mão. João mal consegue perceber a intenção oculta do camponês. Ele tinha esperado tanto da vaca e do princípio de sua reflexão mística a respeito do eu! Todas essas meditações sobre o nada e a ascese fizeram-no ficar magro como um varapau! “Talvez eu tenha pedido muito para mim”, reflete João, “isso não combina com minha verdadeira natureza.” Então, ele pensa que seria melhor viver a realidade presente e, apesar da ascensão espiritual da montanha, seria errado deixar de lado o simples bom-senso natural e o bem-estar físico. “Muito bem!”, diz o camponês com um estalo de língua e oferece-lhe o porco gordo em troca da vaca. “Eu topo!”, diz João, enquanto pega o porco e diz adeus à velha vaca.

“Como é bom viver no presente e sempre poder renunciar ao que é velho!”, pensa ele, feliz. E assim segue seu caminho, com bom-humor, carregando o porco debaixo do braço. “Não posso perder de vista a saúde do corpo, a harmonia da alma com a natureza... e o assado de porco! Não quero distanciar-me do mundo e ficar inacessível. Vou aderir ao princípio de uma vida sã e natural: amar as coisas simples, gozar das boas coisas da natureza, e, claro, sem perder de vista a meta do caminho: voltar para a casa de minha mãe, para minha origem.”

Tudo corre bem por algum tempo. Mas, de repente, lá vem um camponês com um ganso. Ele conta a João que roubaram o porco do prefeito do vilarejo vizinho. E João fica martelando os pensamentos. Não seria isso um sinal de que há algo errado? Sua estratégia de saúde, de acordo com as últimas tendências, não estaria em perigo? Seu prazer em sentir a harmonia com a natureza não passaria de uma ilusão? E não seria por causa desse mesmo princípio que o roubo de um porco de estimação lhe foi colocado nas costas? O camponês mostra-lhe seu ganso branco como a neve e propõe-lhe trocá-lo pelo porco, para que ele escape do perigo de ser preso por roubo. Convencido por essa lógica, João aceita fazer o negócio e agradece ao camponês. Sim, ele pressente melhor o que realmente lhe falta: sua alma aspira à pureza branca como a neve, à vida desinteressada, às asas espirituais que o levariam, cheio de ardor e com toda a calma até a casa de sua mãe. Basta olhar para o ganso para sentir-se estimulado pelo princípio do puro Eros, o puro amor desinteressado, pelo desapego da terra e pela intuição superior. Sem hesitar, ele troca o porco pelo ganso branco como a neve.

João Sortudo, o homem que volta para sua origem, para o Tao, abriu mão de muitas coisas antigas que possuía: a pedra de ouro, símbolo do princípio-eu; o cavalo, símbolo do princípio da mentalidade dinâmica, da idealidade e da força de vontade; a vaca, símbolo do princípio do mistério da meditação e do egocentrismo; o porco, símbolo do princípio da estratégia de saúde para uma vida natural e saudável.

Cada vez mais, ele pensa alegremente nas trocas de velhas ideias por novas experiências. Agora, com a maior alegria, ele segue carregando o seu ganso: símbolo do princípio do Eros puro e da intuição elevada. O desejo melancólico de ir até a fonte pura primordial de todo o ser efetivamente lhe dá

asas aos pés. Sua dedicação à meta, ao Tao, está quase completa. Mas qual é a finalidade que ele vem ansiando por tanto tempo?

Ainda não foi alcançada? Por que o caminho de volta à origem, à mãe, parece ser infinitamente longo?

Assim pensando, João encontra um amolador que, depois de ter ouvido sua história, lhe fala sobre fatalidade, colocando-o em dúvida quanto à divindade. O amolador diz a João:

“A única coisa que lhe falta é a certeza de que realmente alcançou seu objetivo.

Quando temos segurança do que fazemos, ficamos livres de todas as preocupações e dúvidas. Veja, a certeza está aqui, na minha

pedra de amolar. Com ela, você pode afiar o que está sem fio e endireitar pregos dobrados. Com esta pedra você realmente

terá nas mãos uma pedra mágica: a pedra da sabedoria. Esse é o método absolutamente certo para garantir a chegada à meta”.

João sorri. No fundo, ele sabe que, sem essa confiança em Deus, ele não teria conseguido empreender o caminho de volta para casa.

Mas, tudo bem! Ele já está achando que esse caminho é muito longo mesmo... Talvez o amolador esteja certo a respeito dessa pedra.

Além do mais, que mal poderia haver se ele fizesse a pedra mágica deslizar para sua sacola? Foi assim que o amolador – o destino – conseguiu convencer João a trocar o ganso

pela pedra mágica.

Animado, João segue alegremente por conta da troca, o princípio da segurança, da certeza. Ele escuta o canto enganoso do amolador que, não importa o que aconteça,

sempre se curva ao destino e, assim como o catavento, gira ao sabor do vento. Além disso, João está convencido de que, graças

à pedra filosófica, conseguirá alcançar seu objetivo. Com a pedra, ele afia tudo o que está sem fio e desgastado. Ele aprende

algumas técnicas para alcançar um estado de consciência superior. Assim ocupado, não vê o tempo passar. Vai andando, andando.

Ele sobe e desce montanhas com a pedra de afiar o destino.

Alguns exercícios de condicionamento lhe dão, às vezes, a certeza de chegar à meta. Ao mesmo tempo, vai afiando a si mesmo.

No entanto, há algo que o atormenta cada vez mais: é a sede. Ele sente uma enorme necessidade de água fresca, como um bicho sedento que suspira ao lado da fonte.

Exausto, João chega ao campo onde está a fonte. Ele coloca a pedra perto da fonte e mata a sede. Que refrescante! Ele bebe

da água viva da fonte da verdade eterna. E então, de repente, a pedra cai na fonte, afundando em sua insondável profundidade.

Que sorte!

João Sortudo agradece a Deus porque até mesmo essa última pedra foi retirada dele.

Ele já se libertou das imagens e das ideias com as quais queria voltar para a casa de sua mãe. Ele deixou para trás todas as falsas

esperanças e ilusões, que considerava como fins em si mesmas. E mesmo que, segundo a aparência, essas trocas pareçam ter-lhe sido

desvantajosas, finalmente ele conquistou o tesouro dourado da experiência da verdadeira renúncia. Abandonando o velho mundo

imaginário, a pedra de ouro da personalidade precisa fundir-se ao ouro espiritual do profundo conhecimento do ser verdadeiro,

depois de desapegar-se do velho mundo.

João Sortudo agora apresenta um estado de ser que se define pela rendição ao Uno, consentida livremente. Ele sabe que refez

a ligação com a fonte interior, a origem de tudo o que existe.

Ele volta-se para o Tao, que é a mãe de toda vida. Assim, ele completa o mistério do puro amor de Deus e de sua criação. A finalidade

do verdadeiro vir-a-ser humano é alcançada. João Sortudo, o bem-aventurado, retornou à fonte da vida.

E quem observar cuidadosamente o que se passa, descobrirá que, perto da fonte, há uma roseira em flor... ❀

O S Q U A T R O E L E M E N T O S



“Assim como nossa alma, que consiste em ar, nos mantém coesos, assim também o Grande Alento e o ar abarcam o mundo inteiro”, diziam os antigos filósofos gregos. Os herméticos celebravam o ar como veículo do pneuma, o alento vital do Espírito, também chamado de *ruach* ou Espírito Santo, a inspiração sublime. Como diz João: “O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito”. Trata-se da energia espiritual perpétua que o Uno nos envia: infinita, única, eternamente livre.

A R

afinar-se com

Nossa vida caracteriza-se por repetições praticamente infinitas. No Velho Testamento, o pregador do Eclesiastes queixa-se, no capítulo 1, versículo 9: “Nada há de novo debaixo do sol. O que foi é o que há de ser.”

*O movimento cíclico,
A maré alta e a maré baixa,
o dia e a noite,
o planejamento e a divisão do trabalho
a rotação da terra,
a vibração das cordas de um violão,
Tudo vibra e se repete sem fim.*

A condição básica para que haja oscilação em um sistema é que ele retorne por si mesmo ao estado de repouso e, ao mesmo tempo, de equilíbrio. Depois que as crianças saem de um parque infantil, todos os balanços retornam à posição vertical. Esse equilíbrio não se estabele-

cece “automaticamente”. No caso dos balanços, a gravidade pode ser considerada a “força que estabelece o equilíbrio”.

Por essa razão, é preciso haver outra força para colocar os balanços em movimento. No caso de crianças pequenas, é a mãe que empurra o balanço ou puxa um pouco o assento para trás, antes de soltá-lo. Em seguida, a gravidade faz o balanço oscilar outra vez para baixo. O fato de ele continuar a movimentar-se deve-se à inércia da massa, que nesse caso é constituída pela massa da criança e do próprio balanço. A massa em movimento tem a característica natural de continuar a movimentar-se com a mesma velocidade enquanto não houver impedimento. A capacidade de manter a velocidade adquirida é designada pelos físicos como *inércia*. Se não fosse o atrito existente, um objeto colocado para oscilar continuaria a movimentar-se ininterruptamente. Na prática, sempre existe atrito:



a eternidade

Mediante uma boa orientação, podemos afinar-nos com o Verbo divino e, desse modo, entramos em consonância com o Divino.

é por isso que o balanço retornará à posição de repouso em determinado momento. O tempo que o balanço precisa para movimentar-se de um lado ao outro é denominado *período*. Este se define pela relação entre a força que o faz retroceder e a inércia. O período de duração é maior quando o balanço é mais longo e a gravidade menor.

Depois que a mãe interiorizou o ritmo, ela pode dar o próximo impulso até de olhos fechados. Fala-se de “ressonância” quando isso é possível no ritmo natural do balanço. Quando os dois ritmos estão exatamente sincronizados, a força necessária para manter o movimento é mínima. Realmente pode-se falar de uma “cronometragem” perfeita quando há essa ressonância. No nosso caso, isso acontece devido à atenção da mãe. O balanço apenas conhece o próprio ritmo e não tem como harmonizar-se com a mãe.

O mesmo acontece com dois diapasões com a mesma frequência de, por exemplo, 440 Hz. Um fenômeno bem conhecido é que um deles começará a vibrar se o outro receber um golpe inicial e não estiver demasiado longe. A vibração do segundo é transmitida ao primeiro por meio do ar, exatamente como a mãe põe em movimento o balanço.

Somente um pequeno passo separa esses fenômenos naturais do ser humano. Pensemos, por exemplo, no fato de que a entonação das palavras é que lhes dá seu significado. Assim como um diapasão, todo ser humano tem uma “frequência” ou um “comprimento de onda” correspondente aos diferentes aspectos de sua personalidade-eu. Se encontramos a intensidade correta da frequência, podemos falar de uma comunicação objetiva – isto é, nós nos “sincronizamos” uns com os outros. Se não houver essa afinação, então não adianta falar alto nem mesmo gritar.



Todas as radiações são captadas e assimiladas de forma diferente pelas pessoas

Algo semelhante acontece no caso do balanço: o período de duração mudará quando dermos um impulso mais forte. Um exemplo de harmonização paciente no longo prazo é “a espera do momento psicológico” ou “a espera da chegada da hora certa”. Assim como a mãe apenas pode empurrar o filho no balanço quando ele novamente aproximar-se dela, também na vida sempre há situações em que somente se pode influir de forma positiva no momento certo. Vários instrumentos de medida utilizados pelo homem recorrem ao princípio da ressonância. Em eletrotécnica, por exemplo, um aparelho de rádio – o receptor – tem de estar em sintonia com a frequência da emissora para que se possa ouvir bem um programa. Da mesma forma, o ser humano parece ser, em muitos aspectos, um instrumento vivo em exata sintonia, embora nem as técnicas mais modernas consigam medir-lhe vibração e orientação. No caso contrário, porém, o ser humano às vezes pode reagir a sinais de determinadas tecnologias, como, por exemplo, a radiação das torres de antenas de celular. O ritmo de um balanço, a altura de um som ou a cor de um raio de luz podem ser percebidos e reconhecidos conscientemente, mas isso é raro acontecer com a maior parte das radiações eletromagnéticas. A luz que vemos é, na verdade, apenas uma faixa muito pequena do espectro eletromagnético. Todas as radiações são captadas e assimiladas de forma distinta pelas pessoas, porque cada uma tem sua afinação própria, específica. Apesar disso, sempre encontraremos simpatizantes para determinadas intenções do nosso eu... Talvez

essas considerações possam contribuir para melhor entendimento da atividade das influências gnósticas. Ao lado dos mais variados tipos de sensibilidade às influências provindas desta nossa natureza cheia de repetições e do mundo que conhecemos, também existem em cada ser humano sensibilidade e receptividade às influências do campo de vida original, onde o desenvolvimento é contínuo, porque no ser humano se encontra adormecida uma centelha de luz que pode irradiar a luz divina. Afinar-se com a luz é um processo espontâneo para quem vivencia a profunda experiência de estar sempre ouvindo a mesma ladainha nesta natureza, ou a mesma canção, ou seja, para quem vivencia no próprio corpo a afirmação do pregador mencionada no início. Por isso, ele anseia por algo novo, uma canção nova que brote da eternidade e — ó milagre — seja captada e compreendida por um coração humano aprisionado nesta natureza por tanto tempo ☸





RESENHA DE LIVRO

TIZIANO TERZANI CONVERSAS COM MEU FILHO SOBRE A VIDA

o fim é o meu início

Esse é o título significativo do livro em que o jornalista italiano Tiziano Terzani (Florença, 1938 – Orsigna, 2004), já doente e à beira da morte, relata uma conversa com o filho Folco e lança um olhar retrospectivo sobre sua fascinante vida pessoal, que, ao mesmo tempo, esteve estreitamente entretecida com as grandes revoluções do mundo de sua época. Ele fala de coragem e amor, de beleza, de transitoriedade, de como aprendeu a deixar tudo para trás, e sobre a verdadeira vida. Enfim, sobre o que foi verdadeiramente essencial em sua existência e sobre como aprendeu aos poucos o que realmente importa na vida. Ler esse livro é como ler um testamento, no qual o leitor é encorajado a sair dos caminhos já batidos e a abrir sua própria senda com autenticidade e criatividade. Ao mesmo tempo, é o documento de uma vida extraordinariamente rica em experiências e em conhecimento sempre crescente a respeito do significado da existência.

Correspondente da revista alemã *Der Spiegel*, o autor trabalhou por aproximadamente 25 anos como correspondente na Ásia, vivendo no Vietnã, no Camboja, na China, no Japão e na Índia. Assim, ele relata, em estilo muito original, os grandes incêndios que ali grassaram no último século e como os vivenciou, lançando sobre eles um olhar retrospectivo, agora com uma nova visão.

Depois desse período agitado e arriscado, Terzani recolheu-se por algum tempo no Himalaia e publicou vários livros, que foram traduzidos em diversos idiomas.

A narrativa dessa existência vivida intensamente esboça de maneira exemplar o caminho de experiência do homem ocidental. Uma vida na qual esse homem, ainda jovem, desde cedo já se livra da camisa-de-força na qual seu ambiente procura encerrá-lo e, cheio de entusiasmo e paixão, planeja melhorar o mundo. É um idealista por natureza e vive para seu ideal. Cria planos, concretiza-os, não se assusta diante dos riscos e também paga um preço por isso. Desse modo, sempre chega a novos conhecimentos – e, por fim, a um conhecimento verdadeiramente libertador...

Vindo de uma família pobre e simples, ele recebe uma bolsa de estudos e se forma em Direito com o objetivo de “defender os pobres contra os ricos, os fracos contra os fortes, de transformar a sociedade doente, falida e injusta”. Acredita, como muitos outros, que o comunismo pode vir a ser a solução. Em sua primeira viagem como jornalista, conhece a África do Sul. Seus artigos sobre o *apartheid* colheram muitos aplausos. Tendo conseguido uma bolsa de estudos, decide aprender chinês em uma universidade americana. Ao mesmo tempo, nos EUA, vê-se diante da grande desigualdade social. Em virtude de seu grande respeito por pessoas como Che Guevara e Mao Tsé-Tung, decide viajar para a China. Lá, parecia ter sido posta em prática a sociedade sem classes, na qual não se trabalha para ganhar dinheiro, mas onde a satisfação moral é a verdadeira recompensa. Depois de séculos de fome, a necessária subsistência era garantida para cada homem. Tiziano ainda estava entusias-

mado com a revolução cultural, cujos excessos sangrentos ainda não eram conhecidos. Mas, apesar disso, não consegue entrar no país como jornalista estrangeiro. Então, vai ao Vietnã, onde se simpatiza com os vietcongues. Cultiva uma tendência contra “os invasores que não conheciam nem a história, nem a cultura desse país”. Também acompanha de perto as guerras no Camboja e no Laos e tenta entendê-las desde o ângulo. Usa a roupa do país, fala o idioma do país e fica conhecendo o país por meio das pessoas. Mas, ao mesmo tempo, está desiludido diante de tanta violência da guerra: “Ninguém consegue ser objetivo. Por todo lugar o cenário é o mesmo: as guerras, a mentira, a morte, a obstinação absurda. Tudo se repete; daqui a dez anos vai estourar outra batalha em uma nova Tombuctu.” Depois de todas as suas experiências, ele está à beira do cinismo, a ponto de não tomar mais nada a sério. Ele, que sempre esteve à procura da verdade por detrás dos fatos, acaba abandonando esse caminho. “E, desde então, perdi a visão de conjunto.” E conclui: “Eu era famoso (como correspondente), mas continuava o mesmo que sempre havia sido: um cético que não se sentia ligado a uma única ideologia ou partido”.

Vivencia de perto o horror do regime do Khmer Vermelho, mas também a oposição igualmente sangrenta. Ao ver algumas mulheres como mortas na estrada, ele verifica: “Elas pareciam mortas, mas ainda respiravam. Eram do Khmer Vermelho, as assassinas de ontem. O que eu de-

via fazer? Esconder meus apontamentos e tentar salvar as agonizantes”. Uma a uma, ele as leva a um posto da Cruz Vermelha e então diz: “Esses acontecimentos insignificantes mostram que a vida é cheia de alternativas, de decisões que temos de tomar para, em seguida, estar em paz conosco mesmos”.

Sobre as revoluções nas quais se envolveu levado pela profissão, ele é conciso: “Foi um século de terríveis decepções. É por isso que hoje também reina absoluta desorientação entre as pessoas. Já não temos nada a que possamos apegar-nos”.

E então, acamado pela doença, quando os que o visitam perguntam sobre seu estado, ele responde: “Bom! Do ponto de vista psíquico eu me sinto esplêndido. Observando tudo o que se passa à minha volta, agora estou esperando o fim: fecha-se o círculo. Uma vez foi perguntado a um mestre zen: Qual é o sentido de tudo isso? Então ele pegou um pincel chinês, mergulhou-o no tinteiro e desenhou um círculo. Este é meu sonho. Bonito, não é? Fechar o círculo”.

Voltando à história de sua vida: finalmente ele entrou na China, mas, então, há muito tempo já se havia apagado seu interesse pela realidade política do maoísmo, que ele sabia haver sido um fiasco total como solução para os problemas da humanidade. Terzani indaga-se de que serviram essas revoluções, todas as vítimas, as muitas vidas humanas, todo esse sofrimento; então, reconhece que o resultado final é sempre o mesmo. Quando o filho não concorda com isso, ele diz: “Minha conclusão é que o que conta

Foi no Japão que minha grande crise começou, pois eu via uma enorme diferença entre o que eu queria ser, o que eu era e o que deveria ser

única e exclusivamente é a revolução dentro de nós mesmos. Todas as outras revoluções vão repetir-se sempre, pois o que está por trás delas é a natureza humana. Se o homem não mudar, se não melhorar, se não renegar a violência, tudo se repetirá permanentemente”. E continua: “Aos poucos, na China, foi ficando claro para mim que o antigo homem chinês era fantástico, e que sua cultura era impressionante, grandiosa e rica. Com isso, em vez de interessar-me pelo chinês de hoje, saí à procura do antigo, da maravilhosa China antiga e de tudo o que restou dela”. Depois de muitas viagens ilegais, por não terem sido controladas pelo Estado, Terzani foi expulso. Chegando ao Japão, vê-se jogado de um extremo a outro. Fica muito desiludido também com a sociedade ocidentalizada que encontra por lá: “Acredito que tudo, até mesmo minha doença, começou no Japão por causa de minha imensa tristeza de ter de viver em uma sociedade que não é livre. Era profundamente trágico contemplar o suicídio de uma civilização tão especial. Cento e vinte milhões de pessoas esforçando-se até a exaustão para acompanhar o Ocidente do ponto de vista econômico. Eu me relacionava com japoneses desumanizados, completamente humilhados, reduzidos aos papéis que desempenhavam. De todas as sociedades que eu havia criticado, aquela era a mais dura. Ela obrigava as pessoas a levar uma vida padronizada desde quando acordavam até a noite, quando mergulhavam, exaustas, na cama. Na verdade, foi aí que começou a minha depressão. Já não via alternativa...”

O homem Terzani havia chegado a um ponto morto, a uma crise profunda na qual emergia a verdadeira questão sobre a vida. “Até então, eu não havia feito a grande indagação filosófica sobre quem eu era realmente. É preciso tempo para entender quem é você – isso não é tão simples. Mas essa identidade me pressionava muito. Foi no Japão que minha grande crise começou, pois eu via uma enorme diferença entre o que eu queria ser, o que eu era e o que deveria ser.” De lá, ele foi para a Tailândia – não para exercer o jornalismo, mas para recolher-se por algum tempo em um *ashram*. Ele próprio ficou muito surpreso com essa transformação tão radical. “Imagine que, durante anos, vivi na Ásia e comprei figuras de Buda sem perguntar-me o que elas na verdade faziam com os olhos meio fechados e as mãos no colo. Nunca me havia perguntado isso! Somente agora; e decidi tirar a prova por mim mesmo...” E ele continua dizendo: “Somente com a concentração, quando deixamos todo o resto lá fora – os ruídos, o gorjeio de pássaros, sensações e desilusões – é que se cria o vazio. Quando desejamos isso, esse vazio é você: aquele você que é parte de um grande todo – não só da humanidade, mas do cosmo! E quando, aos poucos, vamos observando as coisas dessa maneira, tudo se transforma”.

Em uma viagem exploratória a cavalo pela distante região de Mustang, também conhecida como Reino de Lo, no interior do Nepal, ele observa que a população vive em paz e com simplicidade, mas também verifica que parte

Quando você consegue sentir-se como parte dessa maravilha – não aquele “você” com dois olhos e dois pés, mas o *você*, o mais recôndito ser – o que você ainda pode querer? Um carro novo?

dela sofre de tracoma, uma inflamação nos olhos que pode levar à cegueira. A experiência desse contraste coloca-o diante de um autêntico dilema. Ele se dá conta de que, apesar da doença, que quase não ocorre entre nós, nossa vida no Ocidente não é mais feliz do que a do povo de Mustang. Como humanitarista e com sua tendência espontânea para ajudar, ele já não sabe o que fazer. “Qual é o caminho do meio? Se quisermos fazer alguma coisa contra o tracoma, será realmente inevitável que um lugar tão bonito quanto Mustang fique totalmente transformado – a ponto de as mulheres, que ainda hoje fazem fogo com estrume de vaca, tenham de passar o dia inteiro atrás de máquinas de costura fazendo sapatos esportivos para poder comprar um aparelho de TV e assistir ao “Big Brother”? Qual é a solução? A beleza do mundo, que está justamente em sua diversidade, pode ser salva?” Em uma das conversas com o filho Folco sobre socialismo, comunismo e capitalismo, ele diz: “Toda ideia que é institucionalizada adoece e morre. O mesmo se dá com as religiões. Elas começam com uma inspiração especial, com um profeta, seus discípulos e um sentimento de euforia. Porém, de repente, alguém diz: ‘Quem quiser entrar terá de usar um barrete amarelo!’ Todo o frescor, toda originalidade se perde então. O socialismo é um ideal bonito. Ora, no homem existe, profundamente, uma necessidade absoluta de liberdade. E esta conduz ao capitalismo, ao acúmulo de dinheiro”. Depois, Terzani fica de novo em silêncio, agradecido, diante do magnífico panorama do lugar onde deseja passar seus

últimos dias e diz: “Sabe, Folco, quando daqui de nossa campina contemplo esse vale maravilhoso, entendo que esta região me ajudou um pouco a conseguir o que sempre procurei: alcançar outro ângulo de visão... O mundo é uma maravilha, Folco, uma maravilha incrível! Quando você consegue sentir-se parte dessa maravilha – não aquele ‘você’ com dois olhos e dois pés, mas o *você*, o mais recôndito ser – o que você ainda pode querer? Um carro novo?”

Em outra ocasião, ele fala sobre sua relação com a Índia, sua admiração pelos grandes pensadores de lá, como Vivekananda, Ramakrishna, como Gandhi e Ramana Maharishi, mas também com o filósofo teosófico Roerich. Com relação à liberdade de poder de Gandhi, ele quer tirar do caminho um preconceito. “Os partidários da não violência são vistos como aqueles que se deixam espancar. Na verdade é preciso mais do que isso para ser não violento. Acho que as escolas deviam começar com aulas sobre o significado da não violência, e isso implica em muito mais coisas: em alimentação vegetariana, em respeito pelo mundo e pela consciência, pois penso que a Terra não pertence somente a nós, mas sim a todos. Penso que o grande tema do futuro será a oposição à economia que domina nossa vida, e a luta por uma forma de espiritualidade – que podemos também chamar de religião – à qual as pessoas possam recorrer. Ora, esse é um fator constante na história da humanidade: o desejo de saber por que, afinal, estamos no mundo... Há muita coisa de que nem precisamos, na realidade, mas o



© ORLATI MASSIMILIANO

‘terror do consumo’ nos induz a querê-las mesmo assim. Nossa vida inteira acaba dependendo desse mecanismo. Porém, praticamos uma oposição quando deixamos de participar disso. Quando nos ‘abstemos’, contrapomos a não violência ao poder. O que precisamos é de um ato de força espiritual, de uma revisão de antigos padrões, precisamos despertar outra vez. E isso tem a ver com a procura da verdade, algo com que atualmente ninguém mais se importa. Também quanto a isso Gandhi foi um grande homem. Ele procurava a verdade, aquilo que está por detrás das coisas”. Terzani torna-se cada vez mais positivo quanto ao fim: “O macaco desenvolveu-se, vindo a tornar-se um homem. Por que, afinal, o homem não continuaria a desenvolver-se, dando mais um passo não apenas material, mas também espiritual? Ora, a possibilidade para isso lhe é dada! Essa é a esperança do pensador hindu Sri Aurobindo: a esperança de que alguma coisa leve o homem a dar esse passo, finalmente. O próximo passo é para o alto!”

Será que, depois de tudo isso ainda há esperança para a humanidade, ainda há algo a ser salvo? Sua resposta a isso é, mais uma vez, que apenas a revolução dentro do próprio homem pode mudar seu destino. “A sociedade merece ser salva?

Aí está a questão crucial. Não ousou dizer que é impossível existir salvação. Então, lembro-me do Bhagavad Gita e penso: Faça o que deve ser feito. O destino do mundo não está em suas mãos. A única solução é trabalhar dentro de si mesmo. Se você se tornar melhor, se tomar consciência da falta de sentido de tudo o mais, então poderá lançar, onde for possível, a pedra fundamental para algo maior, algo que considero essencial: a elevação do homem para um estágio espiritual mais elevado.”

Assim, no final desse livro comovente de Tiziano Terzani, o leitor parece ter percorrido com ele todo o curso de sua vida e ter sido testemunha de sua transformação – de um revolucionário exterior para um revolucionário interior. E não é justamente esse o passo que pode mudar a humanidade de forma firme e permanente, e, seja qual for o modo que as vidas se apresentem individualmente, dar a cada vida o seu valor universal? 🌀

Terzani, T. *La fine è il mio inizio: Un padre racconta al figlio il grande viaggio della vita* (O fim é o meu início: um pai conta ao filho a grande viagem da vida). Milano: Longanesi, 2006.

O S Q U A T R O E L E M E N T O S



O fogo é “o calor vital, a centelha de vida, a vida universal na natureza inteira.

É a unidade de todas as coisas, apenas compreensível no Espírito”.

Fogo é o nome simbólico para a vida que anima tudo no caminho que leva à compreensão perfeita da unidade universal, do Criador. Como dizem as antigas doutrinas de sabedoria, tudo o que é material finaliza com o fogo mediante espiritualização. Ninguém pode predizer quando isso acontecerá, mas quando a chuva, o vento ou o fogo consomem o velho para dar espaço para a verdadeira terra-céu, então, como diz Platão: não te agarres ao velho, mas deixa o coração aberto, a fim de consolidar o interior, o reino, Deus no ser humano!

F O G O

que música a alma canta?

Tudo o que existe emite uma vibração

Quando estou afinado com a nota fundamental de inquietação desta época, com o estímulo exterior para constante mudança, fico em harmonia com os sons baixos e as vibrações distorcidas que vêm do mundo – oscilações que, apesar de ressoarem em meu corpo, não se refletem em minha alma. E, pelo que entendo, apenas na alma pode ressoar e instalar-se o que chamamos de harmonia, unidade pura e amor verdadeiro. São vibrações de tonalidade totalmente diferente, que despertam em mim o anseio da busca de minha própria nota fundamental. Ouço essas vibrações como um chamado praticamente inaudível, não terreno, como a sonoridade de uma melodia pura que ressoa em mim: é como a canção de minha alma. Ao mesmo tempo que é pura alegria, nela ressoa algo como uma saudade de minha origem esquecida e da qual minha alma se separou em outros tempos.

“Escuta apenas! Canta tu mesmo essa canção em voz alta e forte!”
Capto esses novos sons e os emito novamente. Essa canção que vem do mais profundo anseio evoca sons mais elevados, que, por sua vez, intensificam todos os outros sons. O tumulto barulhento do mundo não consegue encobrir-lhe a melodia!
Ao contrário: crio dentro de mim uma ressonância suave, um acorde harmônico vibrante, com o qual minha canção de liberdade se sintoniza de tal modo que vibra cada vez mais forte e consegue tocar outros seres humanos que, como eu, conhecem essa nostalgia, essa saudade. Todos a quem essa canção se destina a ouvirão. E cada vez mais forte ressoa essa canção da alma, que nasceu da unidade, da harmonia e do amor, sentimentos que encontrei no caminho de volta para o lar.

De um aluno, 2 de maio de 2012

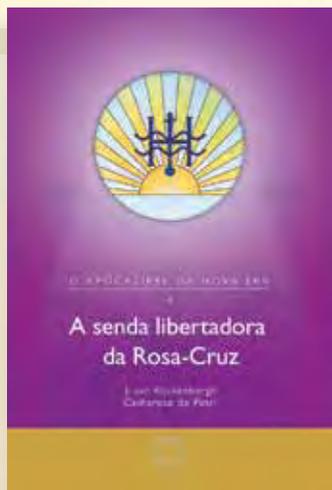


Quatro elementos deram alento ao homem: eles acrescentaram-lhe calor e frio de acordo com sua essência. Calor e frio são vida e morte: assim soou o Verbo, eterno e poderoso. O fogo que sustenta toda vida sempre se extingue na luta com a água. A frágil linha da vida, aquecida pelo fogo que tudo governa ativamente, é apagada pela água. Surgimos dos elementos: fogo, terra e água fizeram com que despertássemos. O fogo deve dominar sobre a água, a fim de não retornarmos à condição de barro.

Quando isso não acontece, surgem doença e dor. Não te esqueças: durante a vida inteira, a água é da mais alta importância, porque, se o fogo pode movimentar-se e correr livremente, a água precisa sempre seguir determinado caminho. Às vezes, quando as águas se avolumam e ameaçam seriamente o fogo do espírito, calor e frio travam violenta luta numa batalha de vida ou morte. Quando o calor prevalece, vida e saúde se mantêm; mas quando o frio sai vitorioso, morte e silêncio passam a reinar. No dia em que o fogo e o espírito te trouxerem a febre, deixa que esses amigos consumam tudo o que é velho. Se o frio é dissolvido no amor, tua alma e também a natureza são salvas.

Com gratidão ao dr. Samuel Thomson (1810–1860)

H O M E M



SÉRIE APOCALIPSE
vol. 4

A SENDA LIBERTADORA DA ROSA-CRUZ

J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri

“Bem-aventurados os puros de coração, pois eles verão a Deus”.
Purificar o coração é absorver magia gnóstica. Afinal, o coração é o ponto de partida para o poderoso processo da transfiguração, que envolve todos os órgãos do corpo, e a magia gnóstica permite o retorno ao estado de vida original, divino. Para tanto, é preciso uma nova consciência, uma nova atitude de vida.

Assim, o buscador poderá trilhar a senda que a eterna Fraternidade Universal da Rosa-Cruz aponta como preciosa saída para nossa época.

1ª edição ago.2012
128 páginas R\$ 26,00
ISBN 978-85-62923-14-2



LIVROS JÁ PUBLICADOS DA SÉRIE APOCALIPSE DA NOVA ERA



Pentagrama Publicações

www.pentagrama.org.br – livros@pentagrama.org.br

Caixa Postal 39 – 13240-970 Jarinu - SP – Brasil - tel. (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.3405



Que música a alma canta?

Escuta apenas! Canta tu mesmo essa canção em voz alta e forte! Capto esses novos sons e os emito novamente. Essa canção que vem do mais profundo anseio evoca sons mais elevados, que, por sua vez, intensificam todos os outros sons. O tumulto barulhento do mundo não consegue encobrir lhe a melodia! Ao contrário: crio dentro de mim uma ressonância suave, um acorde harmônico vibrante, com o qual minha canção de liberdade se sintoniza de tal modo que vibra cada vez mais forte e consegue tocar outros seres humanos que, como eu, conhecem essa nostalgia, essa saudade. Todos a quem essa canção se destina a ouvirão. E cada vez mais forte ressoa essa canção da alma, que nasceu da unidade, da harmonia e do amor, sentimentos que encontrei no caminho de volta para o lar.

ISSN 1677-2253



9 1771677 225003

R\$ 16,00